

CLIVE CUSSLER

& PAUL KEMPRECOS

Tradução de Renato Carreira

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*

Medusa



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

CLIVE CUSSLER cresceu em Alhambra, Califórnia. Durante dois anos estudou no Pasadena City College e depois alistou-se na força aérea durante a Guerra da Coreia, onde cumpriu serviço como mecânico, engenheiro e técnico de voo. No regresso tornou-se diretor criativo em duas agências de publicidade multinacionais, onde ganhou vários prémios, um deles atribuído pelo prestigiado Cannes Film Festival.

Cussler escreve desde 1965 e entre o seu trabalho encontramos dois livros de não-ficção que lhe valeram um Doctor of Letters Degree em maio de 1997. Tal graduação não era atribuída desde 1874.

Cussler é o fundador da NUMA (*National Underwater and Marine Agency*), uma organização não-lucrativa que se dedica à investigação da história marítima e naval. Cussler e os seus peritos da NUMA descobriram mais de 60 navios afundados, oferecendo o fruto do seu trabalho a universidades e governos um pouco por todo o mundo. Foi honrado com vários prémios de clubes de exploradores americanos e até ingleses pelo seu trabalho de exploração subaquática.

Hoje divide o seu tempo entre as montanhas do Colorado e os desertos do Arizona.

Visite a nossa página para mais informação sobre este autor invulgar. Saiba os seus *hobbies* e o que descobriu.

JÁ PUBLICADOS:

SERPENTE

OURO AZUL

GELO ARDENTE

MORTE BRANCA

CIDADE PERDIDA

MUTAÇÃO POLAR

MEDITERRÂNEO

PACÍFICO

ICEBERG

«Se a epidemia continuar a alastrar a este ritmo, facilmente a humanidade poderá desaparecer da Terra.»

— Dr. Victor Vaughn,
The American Experience, «Influenza 1918»

«Lave o interior do nariz com água e sabão à noite e de manhã. Force-se a espirrar à noite e de manhã. A seguir, inspire profundamente. Não use cachecol. Passeie ao frio com regularidade e volte do trabalho a pé. Coma papas de aveia em abundância.»

— Conselhos para a prevenção da gripe no jornal
News of the World, 1918



Prólogo

Oceano Pacífico, 1848

EM TODOS OS ANOS QUE PASSOU A NAVEGAR PELOS OCEANOS DO MUNDO, o capitão Horatio Dobbs nunca vira mar tão estéril. Caminhava para trás e para diante sobre o tombadilho superior do baleeiro *Princess* de New Bedford, movendo os olhos cinzentos como focos gémeos de luz de farol para todos os pontos cardeais. O Pacífico era um deserto azul em forma de disco. Não se viam esguichos no horizonte. Não havia tartarugas sorridentes dançando à volta da proa. Não havia peixes-voadores erguendo-se sobre as ondas. Era como se a vida marinha tivesse deixado de existir.

Dobbs era considerado um príncipe na hierarquia baleeira de New Bedford. Nos bares do cais, onde arpoeiros de olhar duro se reuniam ou nos salões dos ricos armadores *quaker* em Johnny Cake Hill, dizia-se que Dobbs conseguia farejar um cachalote a cinquenta milhas. Mas, nos últimos tempos, as narinas do capitão enchiam-se apenas com o cheiro acre de um motim em ebulição.

Dobbs começara a odiar o registo do falhanço de cada dia no diário de bordo. A entrada da noite anterior resumia os problemas que enfrentava. Escrevera:

24 de março, 1848. Brisa fresca, sudoeste. Nem uma única baleia à vista. Azar paira sobre a viagem como uma névoa fedorenta. Nem uma gota de óleo em todo o Oceano Pacífico para o pobre Princess. Problemas no horizonte.

...

Conseguia ver todo o navio do tombadilho superior e teria de ser cego para não perceber os olhares desviados e furtivos da tripulação. Os oficiais tinham-no informado com alarme de que os resmungos habituais entre os homens no castelo de proa se tinham tornado mais frequentes e veementes. O capitão ordenou aos seus imediatos que mantivessem as pistolas prontas e que nunca deixassem o convés sem supervisão. Nenhuma mão se erguera ainda em motim, mas, no castelo de proa sombrio, nos aposentos da tripulação situados onde o casco se estreitava, ouviam-se sussurros de que o azar que se abatera sobre o navio poderia mudar se o capitão sofresse um acidente.

Dobbs passava do metro e noventa e o seu perfil fazia lembrar um penhasco. Achava-se capaz de reprimir um motim, mas essa era a menor das suas preocupações. Um capitão que regressasse ao porto sem uma valiosa carga de óleo cometera o pecado imperdoável de desperdiçar o investimento dos armadores. Nenhuma tripulação capaz voltaria a navegar com ele. A reputação, a carreira e a fortuna podiam fazer-se ou destruir-se numa única viagem.

Quanto mais tempo um navio passasse no mar, maiores eram os riscos de falhanço. As provisões começavam a escassear. Aumentava a possibilidade de escorbuto e de outras doenças. O estado do navio deteriorava-se e a tripulação perdia o empenho. Voltar ao porto para reparações e para abastecer era arriscado. Os homens podiam fugir para embarcarem num navio mais afortunado.

A atividade baleeira caíra a pique desde o dia frio de outono em que o navio novo e reluzente partira do cais atarefado com despedida ruidosa. Dobbs espantava-se com a alteração na sorte. Nenhum navio poderia estar mais bem preparado para a sua primeira viagem. O *Princess* tinha um capitão experiente, uma tripulação escolhida a dedo e arpões forjados propositalmente e afiados como lâminas.

Com um peso de três toneladas, o *Princess* fora construído num dos melhores estaleiros de New Bedford. Em comprimento, passava pouco dos trinta metros, com uma largura de quase dez que lhe permitia acomodar três mil barris capazes de acondicionar trezentos e quarenta mil litros de óleo. Fora construído com carvalho sólido suficientemente resistente para enfrentar os mares mais agrestes. Quatro botes repousavam em gavietes de madeira pendurados sobre a amurada. Havia marinheiros que troçavam do calado largo e quadrado dos baleeiros da Nova Inglaterra, mas os navios resistentes conseguiam passar anos a navegar em condições adversas que fariam outros mais esguios meter água.

Quando o *Princess* deixou a doca, uma brisa enfunou as grandes velas quadradas pendendo dos três mastros e o timoneiro traçou uma rota para leste, deixando o Rio Acushnet e alcançando o Oceano Atlântico. Empur-

rado por ventos constantes, o *Princess* fizera uma travessia oceânica rápida até aos Açores. Após uma breve paragem no Faial para carregar fruta que prevenisse o escorbuto, o navio virou a proa em direção a África, dobrando o Cabo da Boa Esperança sem complicações.

Mas, nas semanas que se seguiram, o *Princess* ziguezagueou pelo Pacífico sem ver uma única baleia. Dobbs sabia que encontrar baleias tinha mais a ver com um conhecimento sólido do clima e dos padrões migratórios do que com a sorte, mas, enquanto vasculhava o horizonte longínquo em desespero, começou a pensar se o seu navio estaria amaldiçoado. Afastou da mente o pensamento perigoso, aproximou-se do cozinheiro que limpava o fogão e disse-lhe:

— Toca-nos qualquer coisa com o teu violino.

Esperando levantar o moral, o capitão instruía o cozinheiro a tocar o seu violino em cada pôr-do-sol, mas a música alegre parecia conseguir apenas reforçar a disposição agreste a bordo.

— Costumo esperar até ao pôr-do-sol — respondeu o cozinheiro, pouco animado.

— Hoje não, cozinheiro. Vê se consegues atrair-nos uma baleia.

O cozinheiro pousou o trapo com que limpava o fogão e, com relutância, desembrolhou o violino massacrado pelos elementos do pano que o protegia. Prendendo-o sobre o queixo anafado, ergueu o arco gasto e começou a tocar sem sequer afinar o instrumento. Percebia pelas expressões dos homens que a tripulação acreditava que a sua música assustava as baleias e, sempre que tocava, receava com motivo que alguém o lançasse borda fora. Além disso, restavam-lhe apenas duas cordas e o seu repertório era limitado, forçando-o a tocar as músicas que a tripulação já ouvira uma dúzia de vezes antes.

Enquanto o cozinheiro tocava, o capitão ordenou ao primeiro imediato que se ocupasse do tombadilho. Desceu a escada estreita até à sua cabina, colocou o chapéu envelhecido sobre o beliche e sentou-se à secretária. Estudou os mapas, mas já tentara todas as águas habitualmente frequentadas por baleias sem sucesso. Recostou-se na cadeira, fechou os olhos e deixou o queixo cair sobre o peito. Dormiu poucos minutos até ser despertado pelas palavras maravilhosas que não ouvia há meses.

— Baleia à vista! — gritava uma voz. — Baleia à vista!

O capitão abriu os olhos e ergueu-se da cadeira como um projétil de catapulta, pegando no chapéu e subindo a escada até ao convés. O Sol intenso fê-lo semicerrar os olhos erguidos para o topo do mastro principal, trinta metros acima do convés. Os três mastros eram ocupados em turnos de duas horas, com os vigias erguendo-se dentro de aros de ferro sobre pequenas plataformas.

— Em que direção? — gritou o capitão ao vigia no mastro.

— Um quarto para estibordo, capitão. — O vigia apontou. — Ali. Vejo-a saltar.

Uma cabeça enorme com forma de bate-estacas ergueu-se do mar a um quarto de milha e embateu sobre a água numa explosão de salpicos. *Um cachalote*. Dobbs bradou ao timoneiro que virasse o navio em direção à baleia. Os marinheiros acorreram aos cabos com a agilidade de macacos e libertaram cada centímetro de lona das velas.

Enquanto o navio se voltava lentamente, um segundo vigia gritou da sua plataforma:

— Outra, capitão! — A excitação deixava-lhe a voz rouca. — Outra, por Deus!

Dobbs espreitou pela luneta, vendo um dorso negro reluzente erguendo-se do mar. O esguicho era baixo e disperso, inclinado para diante num ângulo de quarenta e cinco graus. Moveu a luneta para a direita e para a esquerda. Mais esguichos. Um cardume de baleias. Não conseguiu conter uma gargalhada sonora. Contemplava uma fortuna em óleo.

O cozinheiro parara de tocar com o primeiro avistamento. Erguia-se no tombadilho, atônito, com o violino pendurado a seu lado.

— Conseguieste, cozinheiro! — gritou-lhe o capitão. — Conseguieste atrair-nos *spermaceti* suficiente para encher o porão. Continua a tocar, raios!

O cozinheiro esboçou um sorriso desdentado e levou o arco às cordas, iniciando uma animada melodia náutica enquanto o timoneiro virava o navio contra o vento. As velas foram recolhidas. O navio parou gradualmente.

— Preparem os botes de bombordo! — rugiu o capitão com empenho acumulado durante a longa carestia de baleias. — Depressa, marinheiros. Se vos agradar o dinheiro.

Dobbs ordenou que se lançassem três botes. Cada bote de dez metros era comandado por um imediato que desempenhava em simultâneo as funções de mestre e timoneiro. Uma tripulação mínima permaneceu a bordo do *Princess* para manobrar, se fosse necessário. O capitão decidiu manter o quarto bote como reserva.

O lançamento demorou pouco mais de um minuto. Os botes esguios atingiram a água de forma quase simultânea. As tripulações desceram pelo casco abaixo, ocupando os seus lugares e posicionando os remos. Assim que cada bote se afastou do navio, a tripulação içou uma vela para ganhar alguns nós de velocidade.

Dobbs viu-os voarem como uma saravada de flechas em direção aos alvos.

— Com calma, rapazes — murmurou. — Está quase. Sem pressas.
— Quantas são, capitão? — perguntou o cozinheiro.
— Chegam e sobram para grelhares um bife de cinco quilos para cada marinheiro a bordo. Podes lançar ao mar o porco salgado — gritou-lhe Dobbs.

A gargalhada do cozinheiro ecoou sobre o convés como um vento forte.

Caleb Nye remava com toda a força no primeiro bote. Tinha as mãos esfoladas e sangrentas e os ombros doridos. O suor pingava-lhe da testa, mas não se atrevia a afastar uma mão do remo para limpar os olhos.

Tinha dezoito anos e era um rapaz magro e afável vindo de uma quinta em Concord, no Massachusetts. Aquela era a sua primeira viagem marinha. A sua percentagem, o seu «quinhão», colocava-o no fundo da hierarquia de pagamentos. Sabia que só com sorte conseguiria uma quantia considerável, mas alistara-se mesmo assim, atraído pela possibilidade de aventura e pelo apelo de terras exóticas.

A avidez do rapaz recordava ao capitão a sua primeira viagem baleeira. Dobbs recomendou ao rapaz que obedecesse às ordens com vontade, trabalhando arduamente e sacrificando-se. A sua disposição para qualquer tarefa e a capacidade de ignorar provocações mereceram-lhe o respeito dos baleeiros duros que o tratavam como uma mascote.

O bote era comandado pelo primeiro imediato, um veterano de muitas expedições baleeiras. Os remadores eram frequentemente advertidos para se manterem atentos ao imediato, mas, como elemento mais inexperiente a bordo, era Caleb o alvo preferencial do palavreado incessante do oficial.

— Ânimo, Caleb — dizia o imediato. — Força com as costas, rapaz. Não puxas a teta de uma vaca. E mantém os olhos na minha cara bonita... Deixa-me ser eu a procurar as sereias.

O imediato, que era o único que podia olhar em frente, fixava os olhos numa grande baleia macho nadando em direção ao bote. O sol era refletido pela pele negra brilhante. O imediato deu uma ordem ao arpoeiro, baixando a voz.

— Pronto para o embate.

Dois arpões de dois metros repousavam em suportes. As suas farpas afiadas projetavam-se em ângulo sobre a haste. A configuração letal tornava quase impossível que um arpão se libertasse depois de cravado na carne de uma baleia.

O marinheiro sentado à proa ergueu-se e guardou o remo, substituindo-o nas mãos por um arpão. Retirou a cobertura da farpa. Expôs também a farpa do segundo arpão.

Quinhentos metros de corda iam de cada arpão até uma caixa onde fora enrolada com minúcia, passando por uma abertura em forma de V na proa. Daí, o cabo percorria o bote até à popa, onde rodeava uma ou duas vezes um poste curto, sendo esticado para um repositório.

O imediato moveu o leme e apontou a proa para o flanco esquerdo da baleia, posicionando o arpoeiro destro para o arremesso. Quando a baleia ficou a uns seis metros do bote, ordenou ao arpoeiro:

— Agora!

Apoiando o joelho contra a amurada do bote, o arpoeiro lançou o arpão como um dardo e a farpa cravou-se no flanco da baleia, vários centímetros abaixo do olho. A seguir, ergueu o segundo arpão e cravou-o trinta centímetros abaixo do primeiro.

— Marcha à ré! — gritou o imediato.

Os remos golpearam a água e o bote recuou vários metros.

A baleia expeliu vapor pelo respiradouro, ergueu a grande cauda no ar e fê-la cair com um estrondo trovejante sobre a água que o bote ocupara segundos antes. A cauda foi novamente erguida e a baleia mergulhou. Um cachalote em mergulho consegue descer trezentos metros com uma velocidade de vinte e cinco nós. A corda voou do repositório com uma velocidade estonteante. O marinheiro responsável salpicou-a com água para a arrefecer, mas, apesar dos seus esforços, a fricção fazia-a deitar fumo enquanto se enrolava ao poste.

O barco deslizava sobre as ondas numa corrida louca a que os baleeiros chamavam «passeio de trenó por Nantucket». Um grito de júbilo irrompeu dos remadores, mas ficaram tensos quando o bote parou de se mover. A baleia voltava a subir. No momento seguinte, o enorme mamífero rompeu as águas numa explosão tremenda de espuma, debatendo-se como uma truta presa numa rede antes de voltar a mergulhar novamente, regressando após vinte minutos. Os movimentos foram repetidos uma e outra vez. Com cada ciclo, mais corda era puxada e a distância reduzia-se, até baleia e bote estarem separados por uns meros trinta metros.

A baleia moveu a enorme cabeça na direção dos responsáveis pelo seu tormento. O imediato percebeu o comportamento agressivo e soube que era o prelúdio de um ataque. Gritou ao arpoeiro que recuasse. Os dois homens trocaram de posição no bote ondulante, tropeçando em remos, em remadores e em cabos de forma que teria sido cómica sem as consequências potencialmente fatais.

O imediato tomou a lança nas mãos, uma longa haste de madeira com ponta afiada em forma de colher, erguendo-se na proa como um matador pronto a despachar um touro em carga. Aguardou que a criatura se virasse de lado, uma manobra que lhe permitiria usar os dentes afiados do maxilar

inferior tubular em sua vantagem. O arpoeiro moveu o leme. Baleia e bote passaram a poucos metros de distância. A baleia começou a girar, expondo o seu lado mais vulnerável. O imediato cravou-lhe a lança com toda a força. Girou-a até uns dois metros de madeira desaparecerem na carne do animal, perfurando-lhe o coração. Berrou à tripulação que remasse na direção inversa. *Tarde de mais*. No estertor, a baleia prendeu a amurada do bote lento entre os maxilares.

Os remadores em pânico caíram uns sobre os outros enquanto tentavam escapar aos dentes afiados. A baleia sacudiu o bote como um cão sacudiria um osso. A seguir, os maxilares abriram e o animal afastou-se, com a grande cauda agitando-se na água. Um géiser de vapor ensanguentado elevou-se do respiradouro.

— Tiro em cheio! — gritou um remador.

A lança fizera o seu trabalho letal. A baleia debateu-se por mais um minuto antes de desaparecer sob a superfície, deixando para trás uma mancha de sangue escarlate.

Os remadores fincaram os remos sobre o bordo do bote que se afundava e taparam os buracos com as camisas. Apesar dos seus esforços, a embarcação mal flutuava quando a baleia morta surgiu à superfície e se virou de lado com uma barbatana erguida.

— Bom trabalho! — rugiu o imediato. — Está arrumado. Mais um peixe destes e podemos voltar a New Bedford para comprar doces para as nossas queridas. — Apontou o *Princess* que se aproximava. — Vejam, rapazes. O velho vem buscar-nos para vos deitar numa cama fofa. Vejo que estão todos bem.

— Nem todos. — O arpoeiro elevou a voz rouca. — Caleb desapareceu.

O navio largou âncora a pouca distância e lançou à água o bote de reserva. Depois de a equipa de resgate levar a cabo uma busca infrutífera por Caleb na água sangrenta, o bote danificado foi novamente içado.

— Onde está o novato? — perguntou o capitão enquanto a tripulação esgotada regressava a bordo do *Princess*.

O primeiro imediato abanou a cabeça.

— O pobre rapaz caiu à água quando a baleia atacou.

Os olhos do capitão cobriram-se com um véu de tristeza, mas a morte era bem conhecida dos baleeiros. Dedicou a sua atenção à tarefa premente. Ordenou aos homens que manobrassem a baleia até ficar por baixo de uma plataforma no costado bombordo do navio. Usando ganchos, rebo-laram a carcaça e içaram-na verticalmente. Cortaram a cabeça e, antes de começarem a extrair a gordura, usaram um gancho de ferro para retirar as

entranhas, içando-as para o convés, onde seriam examinadas em busca de âmbar gris, a base de perfumes valiosa que pode formar-se no estômago de uma baleia doente.

Algo se movia dentro da grande bolsa estomacal. Um marinheiro calculou que fosse uma lula-gigante, refeição favorita dos cachalotes. Usou uma pá afiada para cortar a bolsa, mas, em vez de tentáculos, uma perna humana saiu pela abertura. Puxou a membrana e encontrou um homem encolhido em posição fetal. Outro marinheiro ajudou-o a puxar os tornozelos do homem, puxando a forma inerte para o convés. Uma substância viscosa e opaca envolvia-lhe a cabeça. O primeiro imediato aproximou-se e lavou-a com um balde de água.

— É Caleb! — gritou. — É o novato.

Os lábios de Caleb moveram-se, mas não produziram qualquer som.

Dobbs supervisionava a remoção da gordura da baleia. Aproximou-se e fitou Caleb por um momento antes de ordenar aos imediatos que o levassem para a sua cabina. Estenderam o rapaz sobre o beliche do capitão, despiram-lhe as roupas viscosas e enrolaram-no em cobertores.

— Deus. Nunca vi nada assim — murmurou o primeiro imediato.

O bonito rapaz de dezoito anos fora transformado num velho mirrado de oitenta. A sua pele fora tingida de um branco fantasmagórico. Uma teia de rugas cobria-lhe a pele das mãos e da cara como se tivesse permanecido submerso durante dias. O cabelo fazia lembrar um amontoado de algas.

Dobbs pousou-lhe a mão num braço, esperando que estivesse tão gelado como o cadáver a que se assemelhava.

— Arde — murmurou.

Assumindo o seu papel de médico de bordo, Dobbs colocou toalhas molhadas sobre o corpo de Caleb para reduzir a febre. De uma mala de médico em couro preto, retirou um frasco de medicamento contendo uma dose de ópio e verteu-lhe algumas gotas na garganta. O rapaz gemeu durante alguns minutos antes de adormecer profundamente. Dormiu mais de vinte e quatro horas. Quando as suas pálpebras se abriram finalmente, viu o capitão sentado à sua secretária, escrevendo no diário.

— Onde estou? — murmurou entre lábios secos e gretados.

— No meu beliche — rosnou Dobbs. — E começo a fartar-me.

— Desculpe, senhor. — Caleb franziu a testa. — Sonhei que tinha morrido e ido para o Inferno.

— Não tiveste essa sorte, rapaz. Parece que o cachalote gostava de rapazes da quinta. Tirámos-te do seu estômago.

Caleb recordou o olho redondo da baleia antes de ser lançado ao ar, com braços e pernas esvoaçando, antes do choque do embate na água.

Lembrou-se do movimento por uma passagem escura e maleável, respirando com dificuldade o ar fedorento e húmido. Depois, o calor fora quase intolerável. Não demorou a perder os sentidos.

Uma expressão horrorizada surgiu-lhe na face.

— A baleia comeu-me!

O capitão acenou afirmativamente.

— Pedirei ao cozinheiro que te traga sopa. Depois, voltas para o castelo de proa.

O capitão cedeu e deixou Caleb ficar na sua cabina até a gordura terminar de ser transformada em óleo armazenado em barris. Depois, chamou os homens ao convés, louvou o seu esforço e disse:

— Todos sabem que uma baleia engoliu o novato como Jonas na Bíblia. Agrada-me dizer-vos que o jovem Caleb voltará ao trabalho em breve. Descontar-lhe-ei no salário o tempo que perdeu. Neste navio, só um morto poderá faltar ao trabalho.

O comentário motivou algumas palavras de acordo e alguns sorrisos aos marinheiros reunidos.

Dobbs prosseguiu:

— Mas devo dizer-vos que o jovem Caleb está diferente do que recordam. Os sucos peçonhentos nas entranhas da baleia deixaram-no mais branco que um nabo cozido. — Olhou para a tripulação com o semblante severo. — Não permitirei que alguém troce do infortúnio de um companheiro. É tudo.

Os oficiais ajudaram Caleb a subir ao convés. O capitão pediu-lhe que retirasse o quadrado de pano que lhe cobria a cabeça, ensombrando-lhe a cara como o capuz de um monge. O espanto coletivo da tripulação manifestou-se de forma audível.

— Olhem bem para o nosso Jonas e terão algo que contar aos vossos netos — disse o capitão. — Por baixo da pele pálida, não é diferente do resto de nós. Agora, vamos caçar baleias.

O capitão chamara intencionalmente Jonas a Caleb, um nome que os marinheiros consideravam atrair azar. Aligeirando a questão, talvez conseguisse evitar comparações desfavoráveis com a personagem bíblica que fora engolida por um grande peixe. Alguns marinheiros sugeriram em voz baixa lançar Caleb ao mar. Felizmente, todos estiveram demasiado ocupados para tropelias. O mar que fora tão estéril mostrava-se agora abundante em baleias. Não havia dúvidas de que a sorte do navio mudara para melhor. Era como se o *Princess* se tivesse tornado um íman para todas as baleias no oceano.

Todos os dias, os botes eram lançados após gritos dos vigias. Os panelões de ferro forjado borbulhavam como caldeirões de bruxa. Uma nuvem

de fumo negro escondeu as estrelas e o Sol e tingiu de cinzento-escuro as velas. O cozinheiro tocava alegremente. Meses após o encontro de Caleb com a baleia, o porão ficou cheio.

Antes da longa viagem de regresso a casa, o navio teria de ser reabastecido e a tripulação fatigada precisava de dias de repouso em terra. Dobbs atracou em Pohnpei, uma ilha luxuriante conhecida pelos seus homens vistosos, pelas mulheres belas e pela disposição para fornecer bens e serviços aos baleeiros que os visitavam. Navios baleeiros de todo o mundo enchiam o porto.

Dobbs fora criado como *quaker* e não consumia álcool nem mulheres nativas, mas as suas convicções religiosas eram suplantadas pelas regras náuticas: era necessário manter a harmonia entre a tripulação e trazer uma carga generosa de óleo. A forma como alcançava aqueles objetivos ficava ao seu critério. Riu-se com vontade enquanto botes cheios de marinheiros embriagados e eufóricos regressavam ao convés ou eram pescados da água a que tinham caído.

Caleb permaneceu a bordo e observou as idas e vindas dos companheiros com um sorriso dócil. O capitão mostrava-se aliviado por ver que Caleb não demonstrava qualquer vontade de ir a terra. Os nativos eram amistosos, mas o cabelo e a pele embranquecidos poderiam provocar problemas com os ilhéus supersticiosos.

Dobbs fez uma visita de cortesia ao cônsul americano, um seu compatriota da Nova Inglaterra. Durante a visita, o cônsul foi informado de que uma doença tropical se manifestara na ilha. Dobbs interrompeu a licença dos marinheiros e escreveu no diário:

Último dia de licença. O capitão visitou A. Markham, cônsul dos E.U., que o guiou numa visita a uma antiga cidade chamada Nan Madol. No regresso, o cônsul informou de doença na ilha. Licença terminada e partida apressada.

Os restantes marinheiros regressaram ao navio e perderam-se num sono alimentado pelo rum. O capitão ordenou que os marinheiros sóbrios levantassem âncora e se ocupassem das velas. Quando os homens de olhos vermelhos foram arrancados aos beliches com ordens para regressarem ao trabalho, o navio estava em alto-mar. Com aquele vento constante, Dobbs e os seus homens estariam a dormir nas suas camas em poucos meses.

A doença atingiu o *Princess* menos de vinte e quatro horas após a partida.

Um marinheiro chamado Stokes acordou por volta das duas da manhã e correu para a amurada para esvaziar o estômago. Várias horas mais

tarde, ficou febril e uma mancha avermelhada cobriu-lhe grande parte do corpo. Manchas vermelhas-acastanhadas surgiram-lhe na face e aumentaram de tamanho até as suas feições parecerem esculpidas em mogno.

O capitão tratou Stokes com toalhas molhadas e goles de medicamento. Moveu-o para o convés dianteiro, onde foi colocado sob uma tenda improvisada. O castelo de proa era um viveiro ideal para maleitas. Ar fresco e a luz do Sol poderiam ajudar o homem e o isolamento talvez impedisse o alastrar da doença.

Mas alastrou entre os marinheiros como um fogo soprado pelo vento no matagal. Homens tombavam sobre o convés. Um marinheiro caiu do cordame sobre uma pilha de velas dobradas, que, felizmente, lhe amorteceram a queda. Instalou-se uma enfermaria improvisada no convés dianteiro. O capitão esvaziou o seu estojo de medicamentos. Receou adoecer em pouco tempo juntamente com os restantes oficiais. O *Princess* tornar-se-ia um navio fantasma, vagueando à mercê do vento e das correntes até apodrecer.

Observou o mapa. Chamavam à massa de terra mais próxima Ilha do Apuro e os baleiros costumavam evitá-la. Uma tripulação de baleiros incendiara uma aldeia e matara alguns nativos após uma discussão motivada pelo roubo de uma caixa de pregos e os nativos tinham atacado vários navios desde o incidente. Não havia escolha. Dobbs tomou a roda do leme em mãos e colocou o navio na rota da ilha.

O *Princess* não demorou a alcançar uma baía delineada por praias de areia branca e o embate da âncora sobre a água verde translúcida foi acompanhado pelo ruído da corrente. A ilha era dominada por um pico vulcânico. Fios de fumo erguiam-se do cume. Dobbs e o primeiro imediato levaram um pequeno bote a terra para se abastecerem de água potável enquanto podiam. Encontraram uma nascente a pouca distância da praia e regressavam ao bote quando se depararam com um templo arruinado. O capitão olhou para as paredes do templo cobertas pela vegetação e disse:

— Este sítio recorda-me Nan Madol.

— Perdão, senhor? — disse o primeiro imediato.

O capitão abanou a cabeça.

— Não importa. É melhor regressarmos ao bote enquanto ainda conseguimos andar.

Pouco depois de anoitecer, os imediatos adoeceram e também Dobbs sucumbiu à doença. Ajudado por Caleb, o capitão arrastou o seu colchão para o tombadilho superior. Disse ao novato que o amparava que continuasse como pudesse.

Caleb permaneceu estranhamente intocado pela praga. Levava bal-

des de água ao convés dianteiro para saciar a sede terrível dos seus companheiros e vigiava Dobbs e os oficiais. O capitão alternava entre arrepios de frio e suor abundante. Perdeu os sentidos e, quando acordou, viu archotes movendo-se no convés. Um deles aproximou-se e a chama trémula iluminou a face de um homem coberto com tatuagens complexas. Integrava um grupo de uma dúzia de nativos armados com lanças e com ferramentas habitualmente usadas para cortar gordura de baleia.

— Olá? — disse o ilhéu, com maçãs do rosto elevadas e cabelo negro e longo.

— Falas inglês? — consegui perguntar Dobbs.

O homem ergueu a lança.

— Bom arpoeiro.

Dobbs sentiu uma esperança mínima. Apesar da aparência selvagem, o sujeito era também um baleeiro.

— Os meus homens estão doentes. Podes ajudar?

— Claro — respondeu o nativo. — Temos bom remédio. Todos curados. De New Bedford?

Dobbs acenou afirmativamente.

— Que pena — disse o nativo. — Homens de New Bedford levaram-me. Fugi. Voltei para casa. — Sorriu, mostrando dentes afiados. — Nada de remédio. Vemos enquanto ardem com a doença do fogo.

Uma voz tranquila perguntou:

— Sente-se bem, capitão?

Caleb emergira das sombras e erguia-se no tombadilho iluminado por um archote.

Os olhos do líder nativo arregalaram-se e disse uma única palavra.

— *’atua!*

O capitão aprendera alguma coisa das línguas oceânicas e sabia que *’atua* era a palavra dos Ilhéus para «espírito nefasto». Erguendo-se sobre os cotovelos, disse:

— Sim. Este é o meu *’atua*. Faz o que te mandar ou lançará uma maldição sobre ti e sobre todos na tua ilha.

Caleb avaliara a situação e seguiu o stratagema do capitão.

Erguendo muito os braços sobre a cabeça para aumentar o efeito dramático, disse:

— Pousem as armas ou usarei o meu poder.

O líder nativo disse qualquer coisa na sua língua e os outros homens pousaram os seus instrumentos de morte no convés.

— Disseste que podias curar a doença do fogo — disse o capitão. — Têm um remédio. Ajuda os meus homens ou o *’atua* ficará furioso.

O ilhéu pareceu não saber o que fazer, mas as suas dúvidas desapare-

ceram quando Caleb tirou o chapéu e o cabelo branco fino foi soprado pela brisa tropical. O ilhéu deu uma ordem brusca aos outros.

O capitão voltou a perder os sentidos. O seu sono preencheu-se com sonhos estranhos, incluindo um em que sentia algo molhado e uma picada no peito. Quando abriu os olhos, era dia e havia tripulantes movendo-se pelo convés. As velas recortavam-se contra um céu azul e as ondas embatiam gentilmente contra o casco. Pássaros de penas brancas sobrevoavam-nos.

O primeiro imediato viu Dobbs tentando sentar-se e aproximou-se com um jarro de água.

— Sente-se melhor, capitão?

— Sim — conseguiu gemer entre goles de água. A febre passara e sentia o estômago normal além de uma fome dilacerante. — Ajuda-me a levantar.

O capitão ergueu-se sobre pernas trémulas enquanto o imediato o amparava com o braço estendido. O navio estava em mar aberto e não se via qualquer ilha.

— Há quanto tempo partimos?

— Há cinco horas — respondeu o imediato. — É um milagre. Os homens superaram a febre. As manchas na pele desapareceram. O cozinheiro fez uma sopa e a tripulação pôs o navio em marcha.

O capitão sentiu comichão no peito e ergueu a camisa. As manchas vermelhas tinham desaparecido, substituídas por um pequeno ponto vermelho e por um círculo de pele irritada poucos centímetros acima do umbigo.

— E os nativos? — perguntou.

— Nativos? Não vimos quaisquer nativos.

Dobbs abanou a cabeça. Teria sido um delírio? Pediu ao imediato que trouxesse Caleb. O novato subiu ao tombadilho. Usava um chapéu de palha para proteger a pele pálida. Um sorriso surgiu-lhe na face branca e enrugada quando viu que o capitão tinha recuperado.

— Que aconteceu na noite passada? — perguntou.

Caleb contou ao capitão que, depois de Dobbs perder os sentidos, os nativos tinham partido, regressando com baldes de madeira que emitiam uma pálida luminosidade azulada. Moveram-se de marinheiro em marinheiro. Não conseguiu ver o que faziam. A seguir, partiram. Pouco depois, a tripulação começou a despertar. O capitão pediu a Caleb para o ajudar a descer à sua cabina. Instalou-se na sua cadeira e abriu o diário de bordo.

«*Um estranho fenómeno*», começou a escrever o capitão. Apesar de as mãos lhe tremerem, anotou todos os pormenores como os recordava. De-

pois, olhou com nostalgia para um retrato-miniatura da sua esposa jovem e bonita e terminou a entrada com uma frase simples: «*Vamos para casa!*»

Fairhaven, Massachusetts, 1878

A mansão com telhado de mansarda francesa a que a gente da cidade chamava Casa do Fantasma situava-se junto a uma rua reservada por trás de uma barreira de faias de folhas escuras. Guardando o caminho longo que ligava a rua à casa, erguiam-se no chão os maxilares branqueados de um cachalote, colocados verticalmente de forma a que as suas extremidades se unissem num arco gótico.

Num aprazível dia de outono, dois rapazes erguiam-se sob o arco de osso de baleia, desafiando-se mutuamente a percorrer o caminho e espreitar pelas janelas. Nenhum dos dois daria o primeiro passo. Continuavam a trocar provocações quando uma carruagem puxada por um cavalo negro reluzente parou junto ao portão.

O condutor era um homem encorpado cujo fato caro castanho-avermelhado e chapéu de coco a condizer falhavam o objetivo de camuflar a aparência malévola. As suas feições rudes tinham sido esculpidas pelos punhos duros dos adversários enfrentados nos seus dias de pugilista. A idade não fora bondosa para o nariz torcido, para as orelhas de couve-flor e para os olhos reduzidos ao tamanho de cabeças de alfinete pelo cerco de tecido cicatrizado.

O homem debruçou-se sobre as rédeas e fitou os rapazes.

— Que fazem vocês aqui? — rosnou como o velho *pit bull* que parecia. — Coisa boa não será.

— Nada — respondeu um rapaz, afastando o olhar.

— Ah sim? — troçou o homem. — No vosso lugar, não ficaria aqui. Vive um fantasma mau naquela casa.

— Vês? — disse o outro rapaz. — Eu disse-te.

— Ouve o que diz o teu amigo. O fantasma mede dois metros. Tem mãos como forquilhas — disse o homem, reforçando as palavras com uma entoação assustadora. — Tem dentes capazes de rasgar rapazes como vocês ao meio para poder sugar-lhes as tripas. — Apontou a casa com o chicote e escancarou a boca, horrorizado. — Vem aí! Vem aí, por Deus! Fugam! Depressa!

O homem rugiu com riso enquanto os rapazes começavam a correr como coelhos assustados. Sacudiu as rédeas e fez o cavalo passar pelo portão de osso de baleia. Prendeu-o diante da grande casa, que fazia lembrar um bolo de noiva octogonal com cobertura vermelha e amarela. Ainda se ria quando subiu os degraus do alpendre e anunciou a sua chegada usando a aldraba em latão moldada como uma cauda de baleia.

Aproximaram-se passos. Um homem abriu a porta e um sorriso iluminou-lhe a face pálida.

— Strater, que surpresa agradável — disse Caleb Nye.

— Também é bom ver-te, Caleb. Há muito que quero visitar-te, mas sabes como é.

— Claro — replicou Caleb. Deu um passo para o lado. — Entra, entra.

A pele de Caleb tornara-se ainda mais branca com os anos. A idade acrescentara rugas a uma pele que, inicialmente, se parecia já com pergaminho. Mas, apesar do envelhecimento prematuro, mantinha o sorriso juvenil e a avidez enternecedora que o tornaram querido pelos seus colegas baleeiros.

Caminhou até uma biblioteca espaçosa ladeada por estantes do chão ao teto. As secções de parede não dedicadas a livros sobre a faina baleeira estavam decoradas com cartazes grandes e coloridos com o mesmo motivo: um homem preso nos maxilares de um cachalote.

Strater aproximou-se de um cartaz particularmente terrível. O artista abusara da tinta vermelha para representar o sangue que escorria pelas hastes dos arpões até à água.

— Fizemos uma fortuna com este espetáculo em Filadélfia.

Caleb acenou afirmativamente com a cabeça.

— Só havia lugares em pé, dia após dia, graças aos teus dotes de anunciante.

— Não seria nada sem a minha principal atração — disse Stater, voltando-se.

— É a ti que agradeço por esta casa e por tudo o que tenho — disse Caleb.

Strater esboçou um sorriso de dentes espaçados.

— Se há coisa em que sou bom, é na criação de espetáculos. Assim que te vi, percebi o potencial para fama e fortuna.

A sua sociedade começara poucas noites depois de o *Princess* atracar em New Bedford. Os barris de óleo foram descarregados e os armadores dividiram o lucro e calcularam os quinhões. Os tripulantes que não tinham mulheres ou namoradas à espera em casa partiram num grupo ruidoso para celebrar em bares do porto muito dispostos a aliviar baleeiros do dinheiro que tanto lhes custara a ganhar.

Caleb ficou no navio. Estava lá quando o capitão regressou com o seu quinhão e lhe perguntou se voltaria para a quinta da família.

— Assim não — respondeu Caleb com um sorriso triste.

O capitão entregou ao rapaz a quantia ridícula que ganhara pelos anos passados no mar.

— Tens a minha permissão para ficar a bordo até o navio voltar a zarpar.

Descendo a rampa, o capitão sentiu pena pelo infortúnio do rapaz, mas depressa o esqueceu quando os seus pensamentos se desviaram para o seu futuro promissor.

Pela mesma altura, Strater contemplava um futuro muito menos favorável enquanto se sentava num bar de má reputação a poucos quarteirões do navio. O antigo anunciante de atrações de feira passava por um período mau e estava quase falido. Fazia render uma caneca de cerveja quando os tripulantes do *Princess* irromperam pelo bar dentro e começaram a embebedar-se com a mesma energia que aplicavam na caça da baleia. Strater apurou os ouvidos e ouviu com interesse a história de Caleb Nye, o novato que fora engolido por um cachalote. Os restantes clientes receberam o relato com ceticismo sonoro.

— E onde está o vosso Jonas agora? — perguntou um deles, elevando a voz sobre o alarido.

— No navio, sentado às escuras — responderam-lhe. — Vai ver se não acreditas.

— A única coisa que quero ver é outra cerveja — respondeu o homem.

Strater saiu do bar ruidoso para a noite tranquila e desceu uma rua estreita até ao cais. Subiu a rampa até ao convés iluminado por lanternas do *Princess*. Caleb erguia-se junto à amurada, contemplando as luzes noturnas de New Bedford. As feições do jovem permaneciam indistintas, mas pareciam reluzir com uma luminosidade pálida. O faro de Strater para o espetáculo começou a dar sinal.

— Tenho uma proposta para ti — disse-lhe. — Se a aceitares, serás um homem rico.

Caleb ouviu a proposta de Strater e percebeu as possibilidades. Semanas depois, cartazes e panfletos abundavam por toda a cidade, anunciando com grandes letras circenses:

ENGOLIDO POR UMA BALEIA

Um Jonas dos Tempos Modernos Conta a Sua História

Strater alugara um salão para o seu primeiro espetáculo e teve de rejeitar centenas de interessados. Durante duas horas, Caleb contou a sua história emocionante, erguendo-se de arpa em punho diante de um diorama móvel.

Com o dinheiro que Caleb ganhara na expedição, Strater contratou um artista que pintou representações adequadamente realistas numa longa faixa de lona com vários metros de altura. A lona iluminada por trás era

lentamente desenrolada, revelando imagens de Caleb no bote, o ataque da baleia e uma representação fantasiosa das suas pernas presas entre os maxilares da criatura. Havia ainda imagens de locais exóticos com palmeiras e dos seus habitantes.

O espetáculo encantava o público, sobretudo em igrejas e salões de cidades junto à Costa Leste. Strater vendia brochuras com a história que acrescentavam desenhos de bailarinas nativas seminuas para apimentar a narrativa. Após alguns anos, retiraram-se os dois da vida pública, ricos como o mais rico dos capitães baleeiros.

Strater comprou uma mansão em New Bedford e Caleb construiu a sua casa com forma de bolo de noiva na localidade de Fairhaven, separada da cidade baleeira pelo porto. Do torreão no telhado, conseguia ver a partida e a chegada dos navios. Raramente saía durante o dia. Quando deixava a mansão, cobria a cabeça e ensombrava a cara com um capuz.

Ficou conhecido entre os vizinhos como «O Fantasma» e tornou-se um benfeitor generoso, que usava a sua fortuna para construir escolas e bibliotecas para a comunidade. Em troca, os locais respeitavam a privacidade do seu Jonas.

Caleb conduziu Strater até uma sala espaçosa vazia, à exceção de uma cadeira giratória confortável colocada ao centro. O diorama do espetáculo cobria as paredes. Quem se sentasse na cadeira, poderia girar e ver a história do «Jonas dos Tempos Modernos» do princípio ao fim.

— Que te parece? — perguntou Caleb ao amigo.

Strater abanou a cabeça.

— Quase me dá vontade de voltar à estrada com o espetáculo.

— Discutamos o assunto com um copo de vinho — propôs Caleb.

— Receio não ter tempo — disse-lhe Strater. — Trago-te uma mensagem de Nathan Dobbs.

— O filho mais velho do capitão?

— Isso mesmo. O pai está moribundo e gostaria de te ver.

— Moribundo! Não é possível! Tu próprio me contaste que o capitão parecia tão saudável e robusto como um rapaz.

— Não foi a velhice, Caleb. Houve um acidente numa das suas fábricas. Um tear caiu e esmagou-lhe as costelas.

A face envelhecida de Caleb perdeu a pouca cor que lhe restava.

— Quando poderei vê-lo? — perguntou.

— Temos de ir já — replicou Strater. — Resta-lhe pouco tempo.

Caleb ergueu-se da cadeira.

— Vou buscar o casaco e o chapéu.

A estrada que conduzia à mansão Dobbs serpenteava à volta do porto de New Bedford e subia a County Street. Carruagens ladeavam a rua diante da

mansão construída de acordo com uma estética revivalista da Grécia Clássica. Nathan Dobbs saudou Strater e Caleb à porta e agradeceu-lhes muito pela sua vinda. Era alto e magro, um sósia mais jovem do seu pai.

— Sinto muito pelo seu pai — disse-lhe Caleb. — Como está o capitão Dobbs?

— Receio que não lhe reste muito tempo neste mundo. Levo-o até ele.

O salão amplo da mansão e os corredores que dele partiam enchiam-se com os dez filhos do capitão e com inúmeros netos. Ouviu-se um murmúrio quando Nathan Dobbs entrou com Strater e com o estranho vulto encapuzado. Nathan pediu a Strater para se instalar confortavelmente e escoltou Caleb até ao quarto do capitão.

O capitão Dobbs deitava-se na sua cama, vigiado pela esposa e pelo médico da família. Quiseram manter o quarto da convalescença escuro, como era hábito então, mas o capitão insistiu que as cortinas fossem abertas para deixar entrar a luz.

Um feixe de sol outonal suave caía sobre a face dura do capitão. Apesar de a sua juba leonina se ter tornado grisalha, as feições eram mais jovens do que se esperaria num homem que há muito passara os sessenta. Mas os olhos pareciam mirar o vazio, como se conseguissem ver a aproximação da morte. A esposa e o médico retiraram-se e Nathan permaneceu junto à porta.

Dobbs viu Caleb e conseguiu esboçar um sorriso.

— Obrigado por vires, Caleb — disse o capitão. Uma voz que outrora trovejara sobre o convés de navios reduzia-se a um sussurro.

Caleb baixou o capuz.

— Disse-me que nunca questionasse as ordens do capitão.

— Sim — sussurrou Dobbs. — E dou-te mais um bom conselho, novato. Não enfies o nariz onde não és chamado. Tentei reparar um tear perro. Não fui suficientemente rápido quando caiu.

— Lamento o seu infortúnio, capitão.

— Não lamentos. Tenho uma esposa fiel, filhos vistosos e netos que herdarão o meu nome.

— Gostava de poder dizer o mesmo — disse Caleb num tom ferido.

— Saíste-te bem, Caleb. Conheço bem a tua generosidade.

— A generosidade é fácil quando não temos com quem partilhar a fortuna.

— Partilhaste-a com os teus vizinhos. E ouvi falar da tua magnífica biblioteca de livros sobre a velha faina.

— Não fumo nem bebo. Os livros são o meu único vício. A caça à baleia deu-me a vida que tenho. Coleciono os livros que consigo encontrar sobre o assunto.

O capitão fechou os olhos e pareceu adormecer, mas, após um momento, as pálpebras voltaram a abrir.

— Há uma coisa que quero partilhar contigo.

O filho do capitão avançou e estendeu a Caleb uma caixa de mogno. Caleb ergueu a tampa. No interior, havia um livro. Caleb reconheceu a capa azul gasta.

— O diário de bordo do *Princess*, capitão?

— Sim. É teu — disse-lhe o capitão. — Para a tua biblioteca.

Caleb recuou.

— Não posso aceitar, senhor.

— Farás o que o teu capitão te ordenar — rosnou Dobbs. — A minha família concorda que deverá ser teu. Não é assim, Nathan?

O filho do capitão acenou afirmativamente.

— É o desejo de toda a família, Sr. Nye. Não nos ocorre recipiente mais válido.

De forma inesperada, o capitão ergueu a mão e colocou-a sobre o diário.

— Um estranho fenómeno — disse. — Aconteceu alguma coisa naquela ilha de selvagens. Até hoje, não sei se foi obra de Deus ou do Diabo.

O capitão fechou os olhos. A sua respiração tornou-se mais esforçada e ouviu-se um som arrastado vindo da garganta. Chamou pela mulher.

Nathan segurou delicadamente o braço de Caleb e acompanhou-o à porta. Voltou a agradecer-lhe por ter vindo e disse à mãe que o tempo do capitão chegara ao fim. A família leal encheu o quarto e o corredor, deixando Strater e Caleb sozinhos no salão.

— Partiu? — perguntou Strater.

— Ainda não, mas em breve. — Caleb mostrou-lhe o diário de bordo.

— Preferia um quinhão da fortuna dos Dobbs — troçou Strater.

— Isto é um tesouro para mim — replicou Caleb. — Além disso, tens mais dinheiro do que conseguirás gastar em toda a tua vida, meu amigo.

— Nesse caso, terei de viver mais anos — disse Strater, olhando na direção do quarto.

Saíram e instalaram-se na carruagem de Strater. Caleb segurou o diário de bordo com maior firmeza ainda e a sua mente voltou à ilha remota e aos seus habitantes selvagens, ao seu número como *átua*, à doença e às estranhas luzes azuis. Voltou-se para observar a mansão uma última vez e recordou as últimas palavras do capitão.

Dobbs estava certo. Fora realmente um estranho fenómeno.



1.

Murmansk, Rússia, Presente

COMO COMANDANTE DE UMA DAS MAIS TEMÍVEIS MÁQUINAS DE MORTE alguma vez concebidas, Andrei Vasilevich tivera nas suas mãos o poder para devastar cidades inteiras e para destruir milhões de vidas. Se a guerra tivesse eclodido entre a União Soviética e os Estados Unidos, o submarino de classe *Typhoon* que Vasilevich comandara teria lançado vinte mísseis balísticos de longo alcance sobre os Estados Unidos, projetando duzentas ogivas nucleares sobre solo americano.

Nos anos passados desde que se aposentara da marinha, Vasilevich suspirara frequentemente de alívio por nunca lhe ter sido ordenado que disparasse o seu arsenal de morte e destruição nuclear. Como segundo capitão, teria obedecido às ordens do seu governo sem questionar. Uma ordem era uma ordem, por mais malévola que fosse. O comandante de um submarino nuclear era um instrumento do Estado e não podia dar-se ao luxo de ter emoções. Mas, quando o velho e duro soldado da Guerra Fria se despediu do seu antigo posto de comando, o submarino conhecido de forma não-oficial como *Urso*, não conseguiu conter as lágrimas que lhe escorreram pelas bochechas anafadas.

Erguia-se diante do porto de Murmansk, seguindo com o olhar o submarino que deslizava para a entrada da doca. Ergueu bem alto uma garrafa prateada de vodca, brindando antes de beber um trago, com os pensamentos regressando aos anos passados em patrulha no Atlântico Norte com a enorme embarcação.

Com um comprimento de cento e setenta metros e largura de vinte, o *Typhoon* era o maior submarino alguma vez construído. O longo convés dianteiro projetava-se da imponente torre de dez metros, dando espaço aos vinte grandes silos de mísseis dispostos em duas filas. O desenho conferia um perfil distinto ao *Typhoon*.

A conceção inovadora ia além do casco. Em vez de uma única câmara de pressão como na maioria dos submarinos, o *Typhoon* tinha câmaras paralelas. Esta configuração permitia-lhe uma capacidade de carga de quinze mil toneladas e espaço a estibordo para um pequeno ginásio e para uma sauna. Câmaras de fuga situavam-se sobre cada nível e os centros de navegação e ataque do submarino ocupavam os compartimentos por baixo da torre.

O *Urso* era um entre 941 *Typhoons* encomendados na década de 80 do século XX e fora integrado na frota do Norte como parte da sua primeira esquadilha de submarinos nucleares sediada em Nerpichya. Leonid Brezhnev chamou «tufão» ao novo modelo num discurso e o nome pegou. Foram oficialmente designados como classe *Akula*, palavra russa que significava «tubarão», e era esse o nome que lhes era atribuído pela marinha americana.

Apesar do seu enorme tamanho, o *Typhoon* conseguia atingir velocidades submersas de vinte e cinco nós e cerca de metade à superfície. Conseguia fazer mudanças de direção repentinas, mergulhar até às profundezas oceânicas e permanecer submerso durante cento e oitenta dias, conseguindo tudo isto com um dos sistemas elétricos mais silenciosos alguma vez concebidos. O submarino transportava uma tripulação superior a cento e sessenta marinheiros. Cada nível incluía um reator nuclear que alimentava uma turbina capaz de produzir cinquenta mil cavalos e mover as duas enormes hélices. Dois lemes de propulsão permitiam ao submarino manobrar.

Os submarinos *Typhoons* acabaram por esgotar a sua utilidade militar e política e foram abatidos ao serviço no final da década de 90. Alguém sugeriu que poderiam ser convertidos ao transporte de carga por baixo do gelo ártico, substituindo os silos dos mísseis por espaço de armazenamento. Espalhou-se que os submarinos poderiam ser vendidos pela melhor oferta.

O capitão teria preferido vê-los na sucata em vez de convertidos em cargueiros subaquáticos. Que fim ignóbil para uma bela máquina de guerra! Nos seus dias, o terrível *Typhoon* era o tema de livros e filmes. Esquecera o número de vezes que vira *Caça ao Outubro Vermelho*.

Vasilevich fora contratado pela Comissão Central de Projetos de Engenharia Naval para supervisionar a conversão. Os mísseis nucleares foram retirados como parte de um tratado conjunto com os Estados Unidos, que aceitara desmantelar também os seus destruidores de cidades.

Supervisionara a remoção dos silos dos mísseis para criar o vasto compartimento de carga. As entradas dos silos foram tapadas e fizeram-se modificações para facilitar cargas e descargas. Uma tripulação com metade do tamanho da original entregaria o submarino aos seus novos proprietários.

O capitão bebeu novo trago de vodca e guardou a garrafa num bolso. Antes de deixar o cais, não resistiu a virar-se para um último olhar. O submarino deixara a doca e estava em mar aberto, dirigindo-se para o seu destino desconhecido. O capitão apertou melhor o casaco à sua volta para se proteger da brisa húmida que vinha do mar e regressou ao carro.

Vasilevich vivera tempo de mais para acreditar em aparências. Supostamente, o submarino fora vendido a uma companhia de transportes marítimos sediada em Hong Kong, mas os pormenores eram vagos e o acordo fora estruturado como um conjunto de bonecas *matryoshka*.

O capitão tinha teorias próprias acerca do futuro do submarino. Uma embarcação subaquática com o alcance e a capacidade de carga do *Typhoon* seria ideal para contrabandear produtos de todos os tipos. Mas guardou estes pensamentos para si. A Rússia moderna podia ser um sítio perigoso para quem soubesse demasiado. O que os novos proprietários fizessem com a relíquia da Guerra Fria não lhe dizia respeito. O acordo tinha sinais de aviso por toda a parte, mas o capitão sabia que era sensato não fazer perguntas sobre tais coisas e mais sensato ainda não saber as respostas.



2.

Província de Anhui, República Popular da China

O HELICÓPTERO SURTIU DO NADA E SOBREVIOU A ALDEIA NUM CÍRCULO, fazendo lembrar uma libélula ruidosa. A Dra. Song Lee ergueu o olhar da ligadura que aplicava num corte no braço de um rapaz e viu o helicóptero pairar e iniciar a sua descida sobre um campo no limiar do povoado.

A médica passou a mão sobre a cabeça do rapaz e aceitou o seu pagamento de meia dúzia de ovos frescos trazidos dos pais agradecidos. Tratara o ferimento com sabão, água quente e um emplastro de ervas e sarava a bom ritmo. Com poucos medicamentos e equipamento, a jovem médica tentava fazer o melhor que podia com as ferramentas ao seu dispor.

Levou os ovos para a cabana e, a seguir, juntou-se à multidão ruidosa que corria para o campo. Aldeões excitados, incluindo muitos que nunca tinham visto um helicóptero de perto, rodeavam-no por completo. Lee viu símbolos governamentais na fuselagem e tentou perceber quem do Ministério da Saúde a visitaria naquela aldeia remota.

A porta do helicóptero abriu-se e um homem baixo e encorpado saiu, vestindo fato e gravata. Olhou para os aldeões reunidos com expressão aterrada. Teria voltado para o helicóptero se Lee não tivesse aberto caminho entre a multidão para o saudar.

— Boa-tarde, Dr. Huang — disse-lhe com voz suficientemente sonora para se erguer sobre o burburinho de vozes. — Que grande surpresa.

O homem fitou a multidão com desconfiança.

— Não esperava uma receção tão numerosa.

A Dra. Lee riu-se.

— Não se preocupe, doutor. A maior parte destas pessoas é-me aparentada. — Apontou um casal com faces morenas decoradas por sorrisos. — Aqueles são os meus pais. Como vê, são perfeitamente inofensivos.

Pegou na mão do Dr. Huang e conduziu-o entre a multidão de observadores. Os aldeões começaram a segui-los, mas ela ergueu-lhes uma mão e explicou delicadamente que desejava falar com o cavalheiro a sós.

Na sua cabana, ofereceu ao visitante a cadeira de pano gasta onde se sentava para tratar os pacientes. Huang limpou o suor da careca com um lenço e raspou a lama dos sapatos de couro polido. A anfitriã ferveu água para o chá num fogão de campanha e serviu uma chávena ao visitante. Huang provou como se receasse pela sua saúde.

Lee sentou-se na velha e frágil cadeira de madeira que os pacientes usavam.

— Que tal lhe parece a minha enfermaria ao ar livre? Vejo os meus pacientes mais modestos dentro da cabana. Os animais são tratados no seu domicílio.

— É muito diferente da Faculdade de Medicina de Harvard — disse Huang, contemplando com fascínio a cabana com as suas paredes de lama e telhado de colmo.

— É muito diferente de tudo — corrigiu Lee. — Há algumas vantagens. Os meus pacientes pagam-me em legumes e ovos. Nunca passo fome. O trânsito não é tão intenso como em Harvard Square, mas é quase impossível encontrar um bom *latte* de caramelo.

Huang e Lee tinham-se conhecido anos antes num encontro de estudantes e professores asiáticos na Universidade de Harvard. Ele na qualidade de professor convidado do Laboratório Nacional Chinês de Biologia Médica Molecular e ela como aluna concluindo os seus estudos de virologia. A sagacidade e a inteligência da jovem tinham impressionado Huang e manteve a amizade depois do regresso à China, onde lhe foi concedida uma posição destacada no Ministério.

— Há muito que não falamos. Estará curiosa acerca do motivo da minha vinda — disse-lhe Huang.

A Dra. Lee simpatizava com Huang e respeitava-o, mas fora um entre inúmeros colegas em cargos de relevo que se tinham mostrado ausentes quando precisara de quem falasse em sua defesa.

— De todo — disse Lee com alguma altivez. — Presumo que seja portador de um pedido de desculpas das autoridades pela severidade com que me trataram.

— O Estado nunca admitirá os seus erros, Dra. Lee, mas não faz ideia da quantidade de vezes que lamentei não me ter erguido em sua defesa.

— Compreendo a tendência do governo para culpar terceiros, Dr.

Huang, mas não faz ideia da quantidade de vezes que lamentei que os meus colegas não se tivessem erguido em minha defesa.

Huang torceu as mãos.

— Não a censuro — disse-lhe. — O meu silêncio foi um ato de cobardia injustificável. Não posso falar pelos meus colegas. Posso apenas oferecer as minhas desculpas humildes por não a ter defendido em público. Ao mesmo tempo, movi-me nos bastidores para impedir a sua prisão.

A Dra. Lee resistiu à tentação de mostrar ao médico as condições de vida duras na aldeia empobrecida. Fá-lo-ia aprender que uma prisão não precisa de grades. Decidiu que seria injusto punir Huang. Nada que pudesse ter feito teria conseguido alterar o resultado.

Forçou um sorriso.

— Desculpas aceites, Dr. Huang. Agrada-me muito vê-lo. Já que não traz consigo o agradecimento de uma nação grata pelo serviço que lhe prestei, que faz aqui?

— Receio trazer más notícias. — Apesar de estarem sozinhos, baixou a voz. — Regressou — disse, quase num sussurro.

Lee sentiu um frio repentino no estômago.

— Onde? — perguntou.

— A norte daqui. — Disse o nome de uma província remota.

— Houve outros casos?

— Nenhum, até agora. Felizmente, é uma área isolada.

— Isolaram o vírus para conseguir a sua identificação?

Acenou afirmativamente.

— É um coronavírus. Como antes.

— Quando foi detetado pela primeira vez? E encontraram a origem?

— Há cerca de três semanas. A origem continua por encontrar. O governo isolou imediatamente as vítimas e colocou as aldeias sob quarentena para impedir a propagação. Não correm riscos desta vez. Trabalhamos com a Organização Mundial de Saúde e com o Centro de Controlo de Doenças americano.

— É muito diferente da última reação.

— O nosso governo aprendeu a lição — disse Huang. — O secretismo com que rodearam a epidemia de SARS¹ prejudicou a reputação da China como potência mundial emergente. Os nossos líderes compreendem que o secretismo não será opção desta vez.

O governo chinês tornou-se alvo de críticas internacionais por ter escondido do mundo a epidemia de SARS, atrasando os esforços de combate que poderiam ter evitado muitas mortes. Song Lee trabalhava

¹ *Severe Acute Respiratory Syndrome*, no original. (N. do T.)

como professora de Medicina num hospital de Pequim quando a epidemia se manifestou. Suspeitou que seria grave e recolheu factos para a sua argumentação. Quando insistiu com os seus superiores na necessidade de tomar medidas, recomendaram-lhe silêncio. Mas o sistema de alerta para epidemias da Organização Mundial de Saúde emitiu um aviso global. As deslocações foram cortadas e implementaram-se quarentenas. Uma rede internacional de laboratórios isolou um vírus nunca antes encontrado em humanos. Chamaram SARS à doença, síndrome respiratória aguda grave.

O vírus alastrou a mais de duas dúzias de países em vários continentes, infetando mais de oito mil pessoas. Houve quase mil mortes e uma pandemia de dimensões globais foi evitada por muito pouco. O governo chinês prendeu o médico que informou o mundo acerca dos casos mantidos sob segredo e dos pacientes que eram movidos em ambulâncias para os ocultar à OMS. Outros que tentaram expor o encobrimento também se tornaram alvos. Incluindo a Dra. Song Lee.

— O secretismo também não era opção na ocorrência anterior — recordou-lhe, sem qualquer esforço para ocultar o desagrado na voz. — Ainda não me explicou o que isto tem a ver comigo.

— Reunimos uma equipa de pesquisa e queremos que faça parte — disse Huang.

A raiva de Lee transbordou.

— Que posso eu fazer? — perguntou. — Sou uma simples médica rural que trata doenças potencialmente letais com ervas e mezinhas.

— Imploro-lhe que ponha de parte os seus sentimentos pessoais — disse Huang. — Foi uma das primeiras a detetar a epidemia de SARS. Precisamos de si em Pequim. Os seus conhecimentos de virologia e epidemiologia serão valiosos para arquitetar a melhor resposta. — Huang uniu as mãos como se rezasse. — Implorarei de joelhos se for necessário.

Observou a sua face angustiada. Huang era brilhante. Não podia esperar que também fosse corajoso. Acalmando a voz, disse-lhe:

— Não será necessário implorar, Dr. Huang. Farei o que puder.

A sua cara redonda alegrou-se.

— Atente nas minhas palavras — começou. — Não se arrependará da sua decisão.

— Sei que não — replicou Lee. — Sobretudo depois de satisfazer as minhas condições.

— Que significa isso? — perguntou Huang, visivelmente receoso.

— Quero medicamentos suficientes para tratar esta aldeia durante seis meses... Não. Que seja um ano e se alargue às aldeias em redor.

— Feito — respondeu Huang.

— Estabeleci uma rede de parteiras, mas precisam de supervisão profissional. Quero um especialista em medicina familiar trazido aqui para me substituir.

— Feito — repetiu Huang.

Lee censurou-se por não ter pedido mais.

— Quando precisa de mim? — perguntou.

— Agora — disse Huang. — O helicóptero espera-a. Gostaria que falasse num simpósio em Pequim.

Fez um inventário mental rápido. A cabana era emprestada. Os seus pertences cabiam numa pequena mala. Bastar-lhe-ia informar os anciãos da aldeia e despedir-se rapidamente dos seus pais idosos. Ergueu-se e estendeu a mão para selar o acordo.

— Feito — disse.

Três dias mais tarde, a Dra. Lee encontrava-se atrás de um leitoril sobre um estrado no Ministério da Saúde em Pequim, preparando-se para falar perante mais de duzentos peritos de todo o mundo. A mulher sobre o estrado não tinha qualquer semelhança com a médica rural que ajudara a trazer ao mundo bebés humanos e leitões à luz de velas. Vestia um fato formal riscado sobre uma blusa tão vermelha como a bandeira chinesa e com um lenço de seda rosa enrolado ao pescoço. Um pouco de maquilhagem aligeirava a pele âmbar que escurecera com a vida ao ar livre. Congratulou-se por ninguém conseguir ver as palmas das mãos calejadas.

Pouco depois de chegar a Pequim, Lee ocupara-se com compras frenéticas possibilitadas pela generosidade da República Popular da China. Na primeira loja, deitou fora o casaco de algodão e as calças. Com cada compra subsequente, em algumas das lojas mais caras de Pequim, recuperava uma parcela da sua autoestima.

Song Lee rondava os trinta e cinco anos, mas parecia mais jovem. Era esguia, com ancas estreitas, seios pequenos e pernas longas. O seu corpo era apelativo, ainda que pouco notável, mas era a cara que acabava por voltar cabeças para um segundo olhar. Pestanas escuras e longas resguardavam olhos atentos e curiosos e lábios cheios alternavam entre um sorriso amigável e uma linha mais séria quando se perdia em pensamentos. Quando trabalhava no campo, prendia o cabelo preto longo num rabo-de-cavalo descuidado e escondia-o por baixo de um boné que poderia ter pertencido a um soldado participante na Longa Marcha de Mao. Agora, tinha-o cortado e penteado.

Desde que chegara, estivera presente numa estonteante sucessão de sessões de esclarecimento e ficara impressionada com a reação pronta à mais recente epidemia. Contrastando com a resposta lenta vários anos an-

tes, centenas de investigadores e pessoal de apoio tinham sido mobilizados em todo o mundo.

A China reclamava para si o papel principal na luta contra a epidemia e convidara peritos a Pequim para que testemunhassem a reação vigorosa. A resposta pronta revelava um aspeto tranquilizante numa situação tão séria. Todos com quem falou pareciam confiar que procedimentos de saúde básicos conseguiriam conter a epidemia de SARS enquanto os investigadores continuavam a procurar a origem e a desenvolver um teste de diagnóstico e uma vacina apropriada.

Mas, apesar do otimismo, a Dra. Lee não conseguia sentir a mesma confiança. Receava que não se encontrasse nenhuma origem do vírus. As civetas portadoras da estirpe original de SARS tinham sido dizimadas e talvez o vírus tivesse passado para outros anfitriões. Cães, galinhas, insetos? Quem poderia saber? Além disso, também a pouco comum transparência do governo chinês a perturbava. A experiência amarga ensinara-lhe que as autoridades não abdicavam com facilidade dos seus segredos. Mesmo assim, teria esquecido aquelas preocupações se o governo não se tivesse recusado a autorizá-la a visitar a província infetada. Disseram-lhe que seria demasiado perigoso e que a província estava sob a quarentena mais rigorosa.

A Dra. Lee colocou as suspeitas de lado para se concentrar no desafio ameaçador de falar perante uma audiência de peritos atentos. Sentia o coração acelerado. Falar em público deixava-a nervosa depois de anos passados entre gente cuja maior preocupação era a colheita de arroz. Os programas informáticos disponíveis para mapear uma epidemia confundiam-na e a insegurança estendia-se à solidez dos seus conhecimentos. Sentia-se como uma relíquia da Idade da Pedra descongelada num glacial após dez mil anos.

Por outro lado, praticar medicina no seu nível mais elementar permitia-lhe desenvolver um instinto mais valioso do que todas as tabelas e gráficos no mundo. A sua intuição dizia-lhe que era demasiado cedo para celebrar. Como virologista, respeitava a rapidez com que um vírus conseguia mudar. Como epidemiologista, sabia por dolorosa experiência própria que uma epidemia rapidamente poderia ficar descontrolada. Mas talvez fosse apenas a sua insegurança. Conferira as estatísticas que Huang lhe fornecera e a epidemia parecia bem encaminhada para a contenção.

Pigarreou e observou a audiência. Algumas das pessoas que esperavam que falasse tinham tido conhecimento e talvez tivessem sido responsáveis pelo seu exílio, mas esforçou-se por engolir o azedume.

— Parafraseando o escritor americano Mark Twain, os rumores da minha morte profissional foram grandemente exagerados — começou, mantendo uma expressão séria.

Deixou-se envolver pelas gargalhadas.

— Devo admitir que me apresento perante vós impressionada — prosseguiu. — Desde que estabeleci o meu consultório rural, foram dados grandes passos no mundo da epidemiologia. Impressiona-me a forma como as nações do mundo se uniram para enfrentar esta nova epidemia. Orgulha-me o papel que o meu país desempenha na liderança desse esforço.

Sorriu enquanto aplaudiam. Aprendia a jogar o jogo. Os que esperassem denúncias furiosas de políticas passadas ficariam desiludidos.

— Ao mesmo tempo, devo advertir contra a complacência. Qualquer epidemia conterà as sementes de uma pandemia. As pandemias manifestaram-se entre nós no passado e a humanidade foi sempre prejudicada por elas.

Falou sobre as grandes pragas da História, começando pela primeira epidemia registada, que afetou Atenas durante a sua guerra com Esparta. A pandemia romana de 251 d.C. matara cinco mil pessoas por dia e a de Constantinopla em 452 provocara dez mil mortes diárias. Cerca de vinte e cinco milhões de pessoas tinham morrido com a peste negra na Europa durante a década de 1340 e entre quarenta e cinquenta milhões haviam perecido com a grande epidemia de gripe de 1918. Repetiu a advertência contra a complacência e tornou a referir o agrado que sentia pela resposta internacional à epidemia corrente.

O aplauso motivado pela sua apresentação surpreendeu-a. A aceitação na comunidade médica após anos de exílio era inesperada e a emoção dominou-a. Saiu do palco, mas, em vez de regressar ao seu lugar, dirigiu-se à saída. Acumularam-se-lhe lágrimas nos olhos e precisou de se recompor. Caminhou pelo corredor, sem saber ao certo o que fazia.

Alguém a chamou. Era o Dr. Huang, correndo atrás dela.

— Foi uma bela apresentação — considerou, ofegante pela perseguição.

— Obrigada, Dr. Huang. Regressarei ao auditório dentro de alguns minutos. Foi uma experiência bastante emocional como poderá imaginar. Mas foi tranquilizante ouvir que uma pandemia global é pouco provável.

— Pelo contrário, Dra. Lee. A pandemia é uma certeza. E matará milhões antes que lhe escasseiem as vítimas.

Song Lee olhou a porta do auditório.

— Não foi o que ouvi ali dentro. Todos pareciam bastante otimistas com a contenção da epidemia.

— Apenas porque os oradores não conhecem a totalidade dos factos.

— E quais são os factos, Dr. Huang? O que diferencia esta epidemia de SARS da anterior?

— Há algo que preciso de lhe dizer... esta história da SARS... bom... é uma fraude.

Lee fitou Huang.

— Que diz?

— A epidemia que nos preocupa é causada por outro agente patogénico, uma variante do vírus da gripe.

— Porque não mo disse antes? Porque me deixou falar sobre a SARS?

— Custou-me muito, mas a apresentação destinava-se a esconder o facto de o agente patogénico com que lidamos ser muito mais perigoso que a SARS.

— Os peritos no auditório talvez discordem...

— Apenas porque lhes temos facultado informação errónea. Quando pediram amostras da estirpe para ajudar a sua investigação, facultámos-lhes o velho vírus da SARS. Tentamos evitar o pânico.

Sentiu a boca seca.

— O que é este novo agente patogénico?

— Uma mutação da antiga estirpe da gripe. Alastra com maior rapidez e a taxa de mortalidade é muito mais elevada. A morte ocorre em menos tempo e com maior frequência. É incrivelmente adaptável.

A Dra. Lee olhou-o, incrédula.

— Este país não aprendeu lição nenhuma acerca do secretismo?

— Aprendemos muito bem essa lição — respondeu o Dr. Huang. — A China trabalha em conjunto com os Estados Unidos. Acordámos com os Americanos manter a existência deste novo agente patogénico em segredo por agora.

— Vimos antes que o atraso na partilha de informação custa vidas — disse Lee.

— Também vimos quarentenas forçadas — replicou Huang. — Os hospitais vacilaram, as viagens e o comércio foram interrompidos, houve gente atacada em bairros chineses por todo o mundo. Não poderemos dizer a verdade para já. Não há forma de travar o agente patogénico até desenvolvermos uma vacina.

— Tem a certeza?

— Não precisa de aceitar a minha palavra. Os Americanos têm computadores muito mais sofisticados. Criaram modelos sugerindo que poderemos conter temporariamente bolsas da doença, mas que, eventualmente, o controlo deixará de funcionar e teremos uma pandemia global.

— Porque não me disse isto quando me procurou? — perguntou Lee.

— Receei que pensasse que a traía antes e não acreditasse em mim — respondeu Huang.

— Porque deverei acreditar em si agora?

— Porque digo a verdade... Juro.

A Dra. Lee sentia-se confusa e irritada, mas não duvidava da sinceridade do Dr. Huang.

— Falou numa vacina — disse.

— Há vários laboratórios a trabalhar nela — explicou. — A droga mais promissora está a ser desenvolvida no laboratório de Bonefish Key na Florida, Estados Unidos. Acreditam que uma substância derivada de um biomedicamento marinho produzirá uma vacina capaz de travar este agente patogénico.

— Diz-me que um laboratório tem o único projeto viável? — Lee quase riu do absurdo apesar da seriedade da situação.

As portas do auditório abriram-se e começou a sair gente para o corredor. Huang baixou a voz.

— Ainda está a ser desenvolvida — disse. — Mas sim, temos esperanças elevadas. Poderia ser mais rápido se lá estivesse como representante da República Popular.

— O governo quer que vá a Bonefish Key? — perguntou. — Parece-me que fui «reabilitada». Estou disposta a fazer o que puder. Mas aposta tudo nesta vacina. E se não funcionar?

Ela viu medo abater-se sobre o olhar de Huang e ele respondeu num sussurro:

— Nesse caso, apenas a intervenção divina poderá ajudar-nos.



3.

A EPIDEMIA DE GRIPE DE 1918 SURTIU DE REPENTE, ATACANDO UM MUNDO que tentava recompor-se da guerra devastadora que o dilacerara. Começou por se manifestar em Espanha, matando oito milhões de pessoas e, por esse feito, passando a ser conhecida como gripe espanhola, apesar de ter atacado muitos outros países, incluindo a América. Em meses, alastrara pelo mundo. Não havia cura. As vítimas adoeciam de manhã, cobrindo-se com as inevitáveis manchas cor de mogno no espaço de horas e morrendo ao anoitecer. Morreram milhões. Milhares de milhão foram infetados. Antes do acalmar da epidemia em 1919, a gripe matou mais gente em cinco anos do que a guerra brutal. Foi pior que a peste negra.

As estatísticas preocupantes ocupavam a mente da Dra. Lee enquanto percorria a última etapa do percurso até Bonefish Key. Voara para Fort Myers e uma limusina levava-a à marina de Pine Island, onde foi recebida por um nativo garrido chamado Dooley Greene. Levou-a no seu barco entre os mangais da ilha. Um homem esperava-a na doca.

— Olá, Dra. Lee — disse o homem, estendendo a mão. — Chamo-me Max Kane. Seja bem-vinda à Ilha da Fantasia. Sou o diretor deste pedaço de paraíso.

Com a sua camisa havaiana desbotada e calções de ganga esfarrapados, Kane parecia-se mais com um vagabundo da praia do que com o respeitado microbiólogo marinho cujo currículo impressionante folheara. Um cientista chinês com o mesmo estatuto não teria sido apanhado sem uma bata branca.

— É um prazer conhecê-lo, Dr. Kane — disse Lee, olhando para as palmeiras em redor e um edifício pintado de branco sobre uma elevação baixa e coberta de erva a algumas dezenas de metros da doca. — Nunca vi um laboratório de investigação situado em local tão pitoresco.

Kane dirigiu-lhe um sorriso torto.

— Não é tão pitoresco como os habitantes atuais da ilha. — Pegou-lhe na mala e caminhou para longe do mar. — Venha. Mostro-lhe os seus aposentos.

Subiram uma escada cavada na colina e seguiram um caminho de conchas esmagadas até uma fileira de cabanas aprumadas pintadas com um rosa de flamingo sobre faixas brancas. Kane abriu a porta de uma e deu passagem a Lee. Uma cama, uma cadeira, uma cómoda e uma secretária tinham sido enfiadas no espaço limitado.

— Não é o Ritz, mas tem tudo o que lhe será necessário — explicou Kane.

Lee pensou na cabana de divisão única que ocupara durante o seu exílio rural.

— Vou ficar muito confortável aqui.

Kane pousou a mala sobre a cama.

— Agrada-me ouvi-lo, Dra. Lee — disse. — Como foi a viagem?

— Longa! — respondeu, sublinhando a palavra com um suspiro exagerado. — Mas é bom estar de volta aos Estados Unidos.

— Sei que passou algum tempo em Harvard — disse Kane. — Ficamos muito gratos por regressar a este país para nos ajudar.

— Como poderia não vir, Dr. Kane? — perguntou Lee. — O mundo tem tido sorte até agora. Apesar de todos os nossos avanços médicos, nunca conseguimos desenvolver uma vacina para a gripe original de 1918. Enfrentamos uma estirpe alterada desse vírus. Muito complicado. O resultado dependerá do trabalho que fizermos aqui. Quando poderei começar?

A avidez de Song Lee fez Max Kane sorrir.

— Vamos arranjar-lhe qualquer coisa fria para beber — disse-lhe. — E mostro-lhe as instalações se estiver disposta.

— Poderei adormecer de pé quando o *jetlag* se manifestar, mas estou ótima por agora — respondeu.

Caminharam até ao pátio diante do edifício com forma de estância de férias. Enquanto Song descansava numa cadeira de madeira, Kane entrou no edifício e trouxe dois copos de sumo de manga e laranja com gelo. Provando a bebida deliciosa, a Dra. Lee deixou o olhar mover-se sobre a linha de costa. Esperara que o epicentro de uma pesquisa secreta com implicações mundiais estivesse rodeado por vedações e guardas e não conseguia conter a surpresa por ver o contrário.

— É difícil imaginar que haja aqui um laboratório fazendo trabalho tão importante — admitiu. — É tão tranquilo.

— As pessoas ficariam curiosas se nos rodeássemos com arame farpado e torres de vigia. Temo-nos esforçado para proteger a nossa imagem de pacato centro de pesquisa. Decidimos que escondermo-nos à vista de todos era a melhor estratégia. O nosso *site* diz que as instalações são privadas e sugere que o trabalho que desenvolvemos é tão aborrecido que a maioria das pessoas não quereria visitar-nos. Talvez tenha visto as tabuletas dizendo PRIVADO espalhadas pela ilha, que indicam a mesma coisa. Só recebemos alguns pedidos de visita ao centro e conseguimos rejeitá-los.

— Onde fica o laboratório?

— Tivemos de ser um pouco mais discretos com o espaço de pesquisa. Os laboratórios ficam mais para o interior da ilha. Estão muito bem camuflados. O *Google Earth* só consegue ver árvores.

— E quanto à segurança? Não vi quaisquer guardas.

— Mas estão lá — disse Kane com um sorriso breve. — Todos os funcionários da cozinha e da manutenção são seguranças. Há um centro de vigilância eletrônica que se mantém atento vinte e quatro horas por dia a todos os que se aproximam demasiado da ilha. Há câmaras por toda a parte.

— E o homem do táxi marinho? O Sr. Greene? Faz parte da vossa fachada?

Kane sorriu.

— O Dooley proporciona cobertura adequada. Trabalhou para o velho hotel antes de o Furacão Charlie o levar à falência. Transportámos equipamento e pessoal para aqui em barcos próprios quando nos instalámos, mas precisávamos de alguém que assegurasse o transporte de pessoas e mantimentos entre a ilha e o continente. Nunca passou da doca. É dado a exageros. Se falar de alguma coisa que tenha visto aqui, as pessoas que o conhecem julgarão que está a inventar.

— Mostrou-se curioso acerca da minha presença. Evitei as perguntas o melhor que pude.

— Estou certo de que todos em Pine Island saberão da sua visita no espaço de horas. Mas duvido que alguém se interesse.

— Isso é positivo. Devo confessar que me sinto nervosa pela enormidade da tarefa que temos diante de nós e pelas consequências de um fracasso.

Kane ponderou a resposta antes de dizer:

— Pelo que fizemos até agora, estou otimista e sinto que não falharemos.

— Não pretendo faltar-lhe ao respeito, mas sentir-me-ia mais à vontade se conhecesse a base científica do seu otimismo.

— O ceticismo é a substância da curiosidade científica — disse Kane, abrindo as mãos. — Darei o meu melhor. O nosso trabalho é complexo, mas não complicado. Sabemos o que temos de fazer. A parte mais dura será fazê-lo. Como sabe, nunca haverá certezas quando lidamos com vírus.

Song Lee acenou afirmativamente.

— Com a exceção da espécie humana — disse —, parece-me que não existirão criaturas mais fascinantes no planeta. Qual tem sido a vossa estratégia?

— Que tal um passeio? Penso melhor enquanto ando.

Seguiram por um dos caminhos cobertos com fragmentos de concha que serpenteavam pela ilha, um resquício dos trilhos abertos na natureza para os hóspedes do velho hotel.

— Sei que trabalhou em Harbor Branch — disse Lee. Harbor Branch era um laboratório marinho na Costa Leste da Florida.

— Passei vários anos em Harbor Branch — admitiu Kane. — O campo da biomedicina marinha dava os primeiros passos, mas estiveram entre os primeiros a reconhecer o vasto potencial farmacêutico dos organismos marinhos. Perceberam que as criaturas do oceano foram forçadas a desenvolver mecanismos naturais engenhosos para conseguirem resistir ao ambiente extremo.

— Como veio parar a Bonefish Key?

— Harbor Branch investigava vários componentes marinhos, mas queria dedicar-me exclusivamente a agentes antivirais e, por isso, parti e estabeleci um novo laboratório com dinheiro da fundação. Bonefish Key foi leiloada depois do Furacão Charlie. A fundação comprou a ilha e reparou os edifícios que ficaram de pé.

— Parece ter tido sucesso — disse Lee.

— Saíamos-nos muito bem cientificamente — respondeu. — Mas, no ano passado, os fundos do laboratório esgotaram-se. Os herdeiros do nosso principal benfeitor contestaram a legalidade da fundação em tribunal e venceram. Consegui manter tudo intacto, mas seria uma questão de tempo até fecharmos. Lamento dizê-lo, mas a evolução dos acontecimentos na China salvou-nos.

— Não precisa de lamentar — disse Lee. — Os Chineses inventaram os conceitos de *yin* e *yang*. Forças em oposição capazes de criar um equilíbrio favorável. Diga-me, como se tornou Bonefish Key o centro de pesquisa da nova epidemia? Só ouvi fragmentos da história.

— Foi basicamente por uma questão de sorte — admitiu. — Sou presidente de uma comissão que aconselha as autoridades federais acerca de descobertas científicas que tenham implicações políticas ou de defesa. Transmitem de forma rotineira notícias de um possível avanço na pesquisa

antiviral ao Centro de Controlo de Doenças. Quando a nova estirpe do vírus se manifestou na China, fomos recrutados para tentar encontrar uma forma de o combater. O financiamento facilitou muito a pesquisa.

— Disse que estava otimista com os progressos — recordou Lee.

— De forma moderada. Como virologista, conheço os obstáculos no desenvolvimento de um agente antiviral.

Lee concordou com um aceno.

— Ainda me espanta — disse — a complexidade dos mecanismos contidos no que é, basicamente, um fragmento microscópico de ácido nucleico envolto em proteína.

Foi a vez de Kane acenar com a cabeça em concordância.

— Sempre acreditei que a falta de registos fossilizados de vírus constituiu a prova circunstancial de que são uma forma de vida alienígena.

— Não seria o único a avançar com a teoria de uma invasão extraterrestre — disse Lee. — Mas temos de os enfrentar com os instrumentos disponíveis na Terra. — Sorriu. — Ou, no seu caso, com os instrumentos disponíveis no mar. Como poderei ser útil durante a minha estadia aqui?

— Analisamos um único químico antiviral. Poderíamos aplicar a sua experiência virológica nos testes que teremos de fazer. Ao mesmo tempo — acrescentou —, gostaria que desenvolvesse um plano epidemiológico sobre a melhor forma de usar a vacina depois de a sintetizarmos.

— Estão próximos da síntese? — perguntou

— Gostaria que estivéssemos mais, mas estamos quase lá — respondeu.

Kane virou para um caminho gasto que partia do trilho principal. Após uns trinta metros, o caminho alcançava um edifício construído com blocos de cimento. Um homem erguia-se diante de uma porta de aço reforçado. Vestia calções de cor creme e uma camisola de manga curta azul. Poderia ser confundido com um funcionário da manutenção, mas, em vez de ferramentas, pendia-lhe uma pistola do seu cinturão largo de couro. O homem não pareceu surpreendido pela sua chegada. Song Lee recordou que Max Kane dissera que havia câmaras por toda a ilha.

O homem abriu a porta e pôs-se de lado para permitir a entrada dos visitantes. O interior do edifício era fresco e escuro, iluminado apenas pelas dúzias de tanques de vidro contendo vários tipos de vida marinha. Ouvia-se um zumbido baixo das bombas de água.

Enquanto passavam diante da fileira de tanques, Kane disse:

— Pesquisávamos estes organismos, mas adiámos esse trabalho depois de sermos contactados pelo Centro de Controlo de Doenças.

Conduziu Lee até uma porta lateral e marcou alguns algarismos no teclado da fechadura. A porta abria-se para uma câmara mais pequena

completamente escura além de uma luz azul fria que vinha de um tanque vertical em forma de tubo. O brilho emanava de várias formas de vida circulares que subiam e desciam dentro do tanque numa dança lenta.

Song Lee mostrou-se fascinada pelas figuras fantasmagóricas.

— São magníficas — considerou.

— Dra. Lee, apresento-lhe a medusa-azul — disse Kane. — Todos os nossos esforços de pesquisa se concentram nesta criatura encantadora. O seu veneno é um dos químicos mais complexos que alguma vez encontrei.

— E diz que esta alforreca é a origem do composto que tenta sintetizar?

— Sim. Uma quantidade ínfima do seu veneno será fatal para os humanos, mas a salvação de milhões de pessoas poderá depender das criaturas neste tanque. Informá-la-ei acerca dos pormenores depois de descansar.

A mente científica da Dra. Lee estava ansiosa por pormenores.

— Não preciso de descanso — insistiu. — Quero começar agora.

A delicadeza de rosa de Song Lee escondia espinhos aguçados pela sua experiência com a dura burocracia chinesa. Apesar da seriedade da conversa, Kane não conseguiu evitar que um sorriso ténue lhe assomasse aos lábios.

— Apresento-lhe a equipa — disse.

Conduziu-a pelo laboratório, apresentando-lhe outros cientistas talentosos que trabalhavam no projeto da medusa-azul. Impressionou-se particularmente com Lois Mitchell, a principal assistente de Kane e gestora do projeto. Mas o *jetlag* acabou por se manifestar finalmente e dormiu uma boa noite de sono na sua cabana confortável. Quando acordou no dia seguinte, lançou-se ao trabalho.

Nos dias que se seguiram, a Dra. Lee ergueu-se cedo e trabalhou até tarde. O passeio diário de caiaque entre os mangais era a única pausa recreativa no seu horário feroz. Um dia, foi-lhe pedido que participasse numa reunião na sala de jantar juntamente com o resto da equipa. O Dr. Kane anunciou que o composto que procuravam tinha sido identificado, merecendo grande aplauso. Juntamente com uma equipa de voluntários escolhidos a dedo, partiriam para um novo laboratório, onde aplicariam em segredo os últimos retoques na síntese. Não podia dizer onde se situava o laboratório, apenas que ficava mais próximo da matéria-prima. Lee aceitou ficar em Bonefish Key com uma equipa reduzida para poder concluir a sua análise epidemiológica e traçar um plano de produção e distribuição da vacina.

A quarentena resistia, mas sabia que seria uma questão de tempo até o vírus alastrar. Enquanto analisava as áreas de manifestação do vírus, não esqueceu a experiência chinesa com a SARS. Todos os casos suspeitos ou

prováveis tinham sido colocados em salas de pressão negativa, isolados do mundo exterior por duas portas estanques e com cada inspiração sendo filtrada. Mas a doença conseguira alastrar mesmo assim, demonstrando a dificuldade na contenção do vírus.

Nas semanas que se seguiram ao êxodo das principais unidades da equipa científica, chegaram relatórios a Bonefish Key vindos do laboratório secreto. As notícias mais emocionantes davam conta da síntese da toxina, o prelúdio do desenvolvimento de uma vacina.

Motivada pela pesquisa bem-sucedida, Lee apressara-se a desenvolver o plano de administração do antídoto e de contenção da epidemia antes que se transformasse numa pandemia.

O Dr. Huang pedira para ser informado do progresso da Dra. Lee. O único local na ilha onde os telemóveis tinham cobertura era no topo de um antigo depósito de água. Todos os dias, depois de concluído o trabalho, Lee subia ao depósito e resumia o seu progresso no projeto ao seu velho amigo e mentor.

Era impossível que soubesse que cada uma das suas palavras era captada também por ouvidos pouco amigáveis.



4.

Bermuda, Três Meses Mais Tarde

O CONDUTOR DO TÁXI OLHOU COM DESCONFIANÇA PARA O HOMEM DE pé no passeio diante da saída das chegadas do aeroporto L.F. Wade. O seu cliente potencial tinha uma barba ruiva desmazelada, cabelo puxado para trás e um rabo-de-cavalo curto preso com um elástico. Além disso, vestia calças de ganga desbotadas e calçava ténis altos vermelhos, trazia óculos escuros à Elton John com aros em plástico branco. Completava o visual um casaco formal de linho creme amarrotado vestido sobre uma camisola com o retrato de Jerry Garcia dos Grateful Dead.

— Leve-me ao porto, por favor — pediu Max Kane. Abriu a porta, lançou o saco de lona sobre o banco traseiro e sentou-se. O condutor encolheu os ombros e moveu a alavanca das mudanças. Um cliente era um cliente.

Kane recostou-se e fechou os olhos. Sentia a cabeça prestes a explodir. A sua impaciência aumentara com cada quilómetro de viagem durante as vinte e quatro horas anteriores. O longo voo do Oceano Pacífico até à América do Norte e a viagem de duas horas de Nova Iorque não eram nada por comparação com os minutos arrastados que o táxi demorou a chegar ao porto.

Kane instruiu o condutor para que parasse perto da rampa de acesso de um navio com casco turquesa. A cor distinta e as letras NUMA gravadas no casco por baixo do nome do navio, *William Beebe*, identificavam-no como pertencente à Agência Nacional Subaquática e Marítima², a maior organização de estudos oceânicos do mundo.

² *National Underwater and Marine Agency* (NUMA) no original. (N. do T.)

Kane saiu do táxi e passou um molho de notas ao condutor, colocando o saco ao ombro e subindo rapidamente a rampa. Uma jovem de aparência amigável vestindo uma farda de oficial saudou-o com um sorriso caloroso.

— Boa-tarde — disse a mulher. — Chamo-me Marla Hayes. Sou a terceira imediata. Pode dizer-me o seu nome?

— Max Kane.

Consultou uma prancheta e colocou um visto ao lado do nome de Kane.

— Seja bem-vindo ao *Beebe*, Dr. Kane. Vou mostrar-lhe a sua cabina e acompanhá-lo numa visita pelo navio.

— Se não se importa, vim de muito longe e estou ansioso por ver a B3.

— Muito bem — disse Marla, conduzindo Kane para a popa.

O navio de busca e salvamento com setenta e seis metros de comprimento era o equivalente marítimo de um halterofilista profissional. Com a sua grua em A e convés largo, a popa era a secção mais laboriosa do navio. Cobria-se com os guindastes e mecanismos hidráulicos que os cientistas usavam para lançar ao mar veículos e engenhos que sondavam as profundezas. Os olhos de Kane fixaram-se num grande globo de cor laranja repousando sobre um suporte de aço por baixo de um guindaste elevado. Três vigias que faziam lembrar canhões curtos projetavam-se da superfície da esfera.

— Ali está — disse Marla. — Voltarei daqui a pouco para ver como se está a sair.

Kane agradeceu à jovem e aproximou-se cautelosamente do globo com passos cuidadosos, como se esperasse que o estranho objeto fugisse sobre as quatro pernas presas ao fundo. Contornou-o e viu um homem de camisa havaiana e calções erguendo-se diante de uma abertura circular que não teria mais de meio metro de diâmetro. Tinha a cabeça dentro do globo, com o ombro direito inclinado pela escotilha como se fosse devorado por um monstro de olhos esbugalhados. A sequência de pragas marinhas que ecoava no interior parecia vir de uma caverna de piratas.

Kane pousou o saco e perguntou:

— Espaço apertado?

O homem bateu com a cabeça enquanto recuava da abertura, o que motivou mais algumas exclamações coloridas. A seguir, afastou uma madeixa de cabelo grisalho de olhos que tinham a cor azul do coral sob água pouco profunda. Tinha ombros largos, mediria mais de um metro e oitenta e pesaria uns noventa quilos. Sorriu, mostrando dentes brancos perfeitos em feições bronzeadas pelos anos passados no mar.

— Muito apertado. Precisaria de uma calçadeira e de uma lata de óleo para conseguir enfiar-me neste pedaço de ferro-velho — disse.

Uma cara morena espreitou pela escotilha e o seu proprietário disse:

— Desiste, Kurt. Teriam de te besuntar com *WD-40* e aplicar golpes de marreta.

O homem de ombros largos reagiu com uma careta à imagem desagradável. Estendeu a mão.

— Kurt Austin, gestor de projeto da expedição *Batisfera 3*.

O homem dentro da esfera saiu com os pés primeiro e apresentou-se.

— Joe Zavala — disse. — Serei o mecânico do projeto B3.

— É um prazer conhecer-vos aos dois. Chamo-me Max Kane. — Apontou a esfera com um polegar. — E devo mergulhar quilómetro e meio no oceano dentro deste pedaço de ferro-velho.

Austin e Zavala trocaram um olhar divertido.

— É um prazer, Dr. Kane. Perdoe-me por questionar a sua sanidade.

— Não seria a primeira vez que alguém me acusaria de ter um parafuso a menos. É uma coisa a que nos habituamos quando fazemos pesquisa pura. — Kane tirou os óculos, revelando olhos muito azuis. — E chamem-me Doc, por favor.

Austin apontou o globo laranja.

— Ignore o meu comentário anterior, Doc. Estou maldisposto. Não hesitaria em mergulhar se a batisfera fosse maior. Joe é o melhor especialista em exploração de águas profundas. Tornou-a tão segura como qualquer submersível da NUMA.

Zavala olhou para a esfera com orgulho.

— Usei tecnologia que não estava disponível nos anos trinta, mas, fora isso, é o desenho original de Beebe e Barton que fixaram o recorde de mergulho em novecentos e vinte e dois metros no ano de 1934. A batisfera era bela na sua simplicidade.

— A sua conceção parece-nos tão óbvia agora — disse Kane. — A princípio, William Beebe pensou que um desenho em cilindro poderia funcionar. Conversava com o seu amigo Teddy Roosevelt anos antes do mergulho e traçou a ideia num guardanapo. Roosevelt discordou e desenhou um círculo, representando a sua preferência por uma forma de globo. Mais tarde, quando Beebe viu o desenho esférico de Otis Barton, percebeu que era a única forma de lidar com a pressão a grande profundidade.

Zavala ouvira a história antes.

— Beebe percebeu que as extremidades planas do cilindro cederiam — disse, continuando a história — mas uma esfera distribuiria a pressão de forma mais equilibrada por toda a superfície. — Agachou-se junto ao globo e passou uma mão sobre os blocos grossos sob os pés. — Acrescentei flu-

tuadores de emergência nos pés. A precaução não é inteiramente altruísta, Doc. Mergulharei consigo.

Kane esfregou as palmas das mãos como um homem faminto saboreando um bife suculento.

— É um sonho concretizado — disse. — Puxei todos os cordéis para conseguir mergulhar. William Beebe foi responsável pela minha carreira na microbiologia. Quando era miúdo, li sobre os peixes luminosos de águas profundas que encontrou. Queria partilhar as suas aventuras.

— A minha maior aventura tem sido tentar enfiar-me por esta escotilha de trinta e cinco centímetros — disse Austin. — Experimente, Doc.

Kane, que media um metro e setenta e dois, pendurou o casaco no casco da batisfera e enfiou-se de cabeça no interior, curvando-se com a habilidade de um contorcionista e enfiando a cabeça pela abertura circular.

— É mais espaçosa do que parece de fora.

— A batisfera original tinha um diâmetro de um metro e quarenta e três centímetros, com quatro centímetros de espessura do casco fabricado com aço da melhor qualidade — explicou Zavala. — Os mergulhadores partilhavam o espaço com tanques de oxigénio, filtros, um projetor e fios de telefone. Fizemos um pouco de batota. As vigias são em polímero em vez de quartzo fundido. Os pés são em *kevlar* e não em aço e substituímos as comunicações de cobre por cabos de fibra ótica. Miniaturizámos os instrumentos mais volumosos. Preferia uma esfera de titânio, mas os custos seriam mais elevados.

Kane saiu da esfera com facilidade e olhou-a quase com reverência.

— Fez um trabalho espantoso, Joe. Beebe e Barton sabiam que arriscavam a vida, mas o seu entusiasmo juvenil superou o medo.

— O mesmo entusiasmo deverá tê-lo contagiado para percorrer todo este caminho — disse Austin. — Sei que estava no Oceano Pacífico.

— Sim. Ao serviço do Tio Sam. Trabalho rotineiro. Estamos prestes a terminar e ainda bem porque não falharia esta oportunidade por nada.

A terceira imediata atravessava o convés em direção à batisfera acompanhada por dois homens e uma mulher, transportando câmaras, luzes e equipamento de som.

— É a equipa de filmagens da NUMA — disse Austin a Kane. — Quererão entrevistar os intrépidos mergulhadores.

Uma expressão horrorizada surgiu na face de Kane.

— Devo estar com péssimo aspeto. E o cheiro será condizente. Será que podem esperar até tomar um duche e raspar as farpas de porco-espinho que me crescem no queixo?

— O Joe informa-os enquanto se prepara. Vemo-nos na ponte de

comando depois da entrevista — disse Austin. — Analisaremos os planos para amanhã.

Enquanto se dirigia para a ponte de comando, Austin recordou a forma como os livros de Beebe tinham despertado a sua imaginação quando era um rapaz crescendo em Seattle. Lembrava-se de uma história em particular. Beebe descreveu como esteve junto a um precipício marinho com o ar respirável no limite, olhando com avidez para as profundezas longe do seu alcance. O cenário cristalizou a tendência de Austin para forçar os seus próprios limites.

Nascido e criado em Seattle, seguiu os seus sonhos de infância, estudando Gestão de Sistemas na Universidade de Washington. Também frequentou uma prestigiada escola de mergulho, especializando-se em Recuperação de Destroços. Trabalhou durante alguns anos em plataformas petrolíferas no Mar do Norte e passou algum tempo na empresa de resgates marinhos do seu pai, mas o seu espírito de aventura exigia mais. Juntou-se a uma unidade de vigilância submarina clandestina da CIA que liderou até à sua desmantelação no fim da Guerra Fria. O seu pai esperou que voltasse para a empresa de resgates, mas Austin foi trabalhar com a NUMA, chefiando uma equipa única que incluía Zavala além de Paul e Gamay Trout. O almirante Sandecker percebeu a necessidade de criar a Equipa de Missões Especiais para investigar acontecimentos menos comuns, tanto acima como abaixo da superfície dos oceanos.

Depois de completar a missão anterior da equipa, a busca de uma estátua fenícia há muito perdida conhecida como «O Navegador», Austin ouvira dizer que a *National Geographic Society* e a Sociedade Zoológica de Nova Iorque patrocinavam um docudrama sobre o histórico mergulho de meia milha da batisfera de Beebe em 1934. Os papéis de Beebe e Barton seriam interpretados por atores, usando uma batisfera construída em estúdio e grande parte da ação seria simulada.

Austin persuadiu as chefias da NUMA a permitirem que Zavala desenhasse uma batisfera topo de gama. Seria lançada do *William Beebe*, um navio de pesquisa da agência, em conjugação com o docudrama. Como todas as agências governamentais, a NUMA tinha de lutar pela sua parcela dos fundos federais e a publicidade favorável ajudava sempre.

Dirk Pitt substituíra Sandecker como diretor da NUMA depois de Sandecker se tornar vice-presidente dos Estados Unidos e mostrou-se igualmente interessado em criar uma consciência pública favorável do trabalho da agência. A batisfera seria reciclada após a expedição como coração de um novo submersível de grandes profundidades. Chamaram-lhe B3 porque era o terceiro engenho a usar o desenho de Beebe e Barton.

Seguido por um operador de câmara e por um técnico de som, Zavala

e um Kane devidamente limpo e barbeado subiram à ponte de comando depois de serem entrevistados diante da batisfera. Austin apresentou Kane ao comandante, um homem experiente da NUMA chamado Mike Gannon, que abriu um mapa sobre uma mesa e apontou a ilha de Nonsuch, ao largo da extremidade norte da Bermuda.

— Ancoraremos tão perto quanto possível da posição original de Beebe — explicou o capitão. — Estaremos a cerca de oito milhas de terra com pouco mais de meia milha de água sob a quilha do navio.

— Optámos por uma localização menos profunda do que a original para conseguirmos filmar o fundo do mar — disse Austin. — Como estará o tempo?

— Espera-se vento forte para esta noite, mas deverá acalmar antes que amanheça — disse Gannon.

Austin voltou-se para Kane.

— Temos sido só nós a falar, Doc. Que espera desta expedição?

Kane pensou por um momento na resposta.

— Milagres — disse, com um sorriso misterioso.

— De que tipo?

— Quando Beebe referiu ter capturado peixes fosforescentes nas suas redes, os seus colegas na comunidade científica não acreditaram. Esperou que a batisfera confirmasse a sua pesquisa. Comparou o que fazia ao esforço de um paleontólogo capaz de anular o tempo para ver os seus fósseis vivos. Tal como Beebe, a minha esperança é dramatizar os milagres que existem sob a superfície do oceano.

— Milagres biomédicos? — perguntou Austin.

A expressão sonhadora de Keane desapareceu e pareceu subitamente sério.

— Que quer dizer com isso? — A voz de Kane tinha uma entoação inesperada. Olhou para a câmara por um instante.

— Pesquisei Bonefish Key no *Google*. O vosso *site* referia um substituto para a morfina desenvolvido no laboratório a partir de veneno de caracol. Apenas me questionei se teria encontrado algo semelhante no Oceano Pacífico.

Kane sorriu.

— Falava como microbiólogo marinho... metaforicamente.

Austin acenou afirmativamente.

— Discutamos milagres e metáforas ao jantar, Doc.

Kane abriu a boca num bocejo.

— Estou prestes a cair redondo no chão — disse. — Desculpe incomodar, capitão, mas será que me podem enviar uma sandes à cabina? Talvez seja melhor dormir para estar fresco amanhã no mergulho.

Austin disse que veria Kane na manhã seguinte. Observou-o, pensativo, enquanto o via deixar a ponte de comando, intrigado pela resposta nervosa a uma pergunta rotineira. A seguir, voltou-se para conversar com o capitão.

Na manhã seguinte, o navio da NUMA seguiu a rota da expedição de Beebe, dirigindo-se para o mar através do canal de Castle Roads, passando entre penhascos altos e escarpados e velhos fortes, deixando para trás Gurnet Rock e alcançando mar aberto.

O vento acalmara, deixando para trás ondulação que assinalava a sua presença. Cortando os montículos de água baixos, o navio seguiu viagem durante mais uma hora antes de largar âncora.

A batisfera fora submetida a dúzias de testes, mas Zavala queria um lançamento sem tripulantes antes do mergulho principal. Um guindaste ergueu a batisfera selada sobre a água e fê-la afundar até à marca dos quinze metros. Após quinze minutos, a B3 foi içada novamente para o convés e Zavala inspecionou o interior.

— Mais seca do que olhos no funeral de um avarento — disse.

— Preparado para mergulhar, Doc? — perguntou Austin.

— Há quase quarenta anos que estou preparado — respondeu Kane.

Zavala fez passar duas almofadas insufláveis e um par de cobertores pela escotilha.

— Beebe e Barton sentavam-se em aço frio e duro — explicou. — Decidi que precisaríamos de um mínimo de conforto.

Kane retirou dois gorros de um saco e passou um a Zavala.

— Barton recusava-se a mergulhar sem o seu chapéu da sorte.

Zavala enfiou o gorro na cabeça. A seguir, enfiou-se pela escotilha da batisfera, esforçando-se para não prender o casaco forrado a lã e as calças nos grandes parafusos de aço que a rodeavam. Kane entrou a seguir e sentou-se junto a uma vigia. Zavala ligou o abastecimento de ar e gritou a Austin:

— Fecha a porta, Kurt. Há uma corrente de ar.

— Espero-vos para margaritas daqui a algumas horas. — Austin ordenou que a batisfera fosse selada.

Um guindaste colocou a cobertura de cento e oitenta quilos no sítio adequado. A equipa de lançamento usou uma chave para apertar dez grandes porcas sobre os parafusos. Kane apertou a mão de Austin pela abertura circular com dez centímetros no centro da escotilha que permitia a passagem de instrumentos sem ser necessário retirar a pesada cobertura. A seguir, foi selada com o atarrachar de uma porca.

Austin ergueu um microfone ligado ao sistema de comunicação da

batisfera e avisou os mergulhadores de que estavam prestes a ser erguidos. O guindaste guinchou e ergueu a B3 do convés como se o globo de aço com mais de duas toneladas e a sua carga humana fossem feitos de penas, movendo-a sobre a amurada do navio e mantendo-a suspensa seis metros acima da superfície ondulante do oceano.

Austin contactou a batisfera pelo rádio e ouviu a confirmação de Zavala de que estavam prontos para o lançamento.

Pelas vigias da B3, os mergulhadores captaram vislumbres das faces erguidas das equipas de lançamento e de filmagem e do céu, antes de verem apenas espuma e bolhas esverdeadas. A B3 submergiu nas águas cristalinas e desapareceu da superfície no vale entre duas vagas.

O guindaste baixou-a até ficar imediatamente abaixo da superfície.

A voz metálica de Zavala ouviu-se por um altifalante montado no convés.

— Obrigado pela aterragem suave — disse.

— Este guindaste conseguiria mergulhar um *donut* numa chávena de café — afirmou Austin.

— Não refiras café ou outros líquidos — disse Zavala. — O *baño* fica do lado de fora da batisfera.

— Desculpa. Reservamos uma cabina de primeira-classe para a próxima.

— Aprecio a oferta, mas a minha principal preocupação será certificar-me de que os nossos pés permanecem secos. Próxima paragem...

O guindaste libertou quinze metros de cabo e a batisfera parou para a inspeção de segurança final. Zavala e Kane procuraram sinais de humidade, prestando grande atenção às juntas seladas em volta da escotilha.

Não encontrando fugas, Zavala conferiu o abastecimento de ar da B3 e a sua circulação, além do sistema de comunicação. Os indicadores luminosos mostravam que os nervos e pulmões eletrónicos funcionavam na perfeição. Contactou o navio de apoio.

— Completamente estanque, Kurt. Tudo pronto. Preparado, Doc?

— Preparado! — respondeu Kane.

Os braços espumosos do mar abraçaram a batisfera como uma companheira há muito perdida e, apenas com um aglomerado de bolhas para assinalar a sua descida, a esfera oca e os seus dois passageiros iniciaram a viagem de meia milha em direção ao reino de Neptuno.

5.

OS PASSAGEIROS DA B₃ ESTAVAM SELADOS NUMA PRISÃO DE AÇO QUE TERIA desafiado Harry Houdini, mas as suas imagens viajavam livremente pelo mundo. Um par de câmaras-miniatura montadas dentro da batisfera transmitiam visões do seu interior por um cabo de fibra ótica até à antena no mastro do *Beebe*, onde o sinal era projetado para um satélite de comunicações e instantaneamente transferido para laboratórios e salas de aula espalhados pelo planeta.

A milhares de quilómetros da Bermuda, uma boia de comunicações vermelha e branca flutuando numa secção remota do Oceano Pacífico transmitiu as imagens para uma sala pouco iluminada noventa metros abaixo da superfície. Uma fileira de ecrãs televisivos luminosos embutidos na parede da câmara semicircular mostrava imagens esverdeadas de cardumes de peixes passando diante das câmaras como confetes soprados pelo vento.

Cerca de uma dúzia de homens e mulheres reuniam-se diante do único ecrã que não mostrava o fundo do mar. Todos tinham os olhos fixos numa representação a azul e preto do globo e das letras NUMA. Enquanto olhavam, o logótipo desapareceu, sendo substituído por uma imagem do interior acanhado da B₃ e dos seus dois passageiros.

— Aaah! — gritou Lois Mitchell, erguendo o braço no ar. — O Doc vai a caminho. E tem o gorro da sorte.

Os outros acompanharam-na no aplauso e, a seguir, a sala ficou silenciosa quando Max Kane começou a falar, com uma ligeira assincronia entre

a boca e as palavras. Inclinou-se para a câmara e os olhos e as bochechas foram distorcidos pela lente.

— Olá a todos. Sou o Dr. Max Kane, diretor do Centro de Investigação Marinha de Bonefish Key, transmitindo de uma réplica da batisfera de Beebe e Barton.

— Ninguém sabe promover o laboratório como o Doc — disse um homem de cabelo grisalho sentado à direita de Lois.

Kane prosseguiu.

— Encontramo-nos em águas territoriais da Bermuda, onde estamos prestes a recriar o histórico mergulho de meia milha em batisfera de Beebe e Barton em 1934. Porque esta é a terceira batisfera, abreviámos-lhe o nome para B3. O piloto chama-se Joe Zavala, engenheiro naval e piloto de submersíveis ao serviço da Agência Nacional Subaquática e Marítima. Joe foi responsável por projetar esta réplica.

Zavala instalara controlos ativados pela voz que permitiam aos mergulhadores mudar de câmara. A sua cara substituiu a de Kane no ecrã e começou a descrever as inovações técnicas da B3. Lois prestava atenção parcial, mais interessada na face morena e atraente do engenheiro da NUMA do que nas suas palavras.

— Invejo o Doc — disse, sem afastar o olhar da cara de Zavala.

— Também eu — disse o homem grisalho, um biólogo marinho chamado Frank Logan. — Que fantástica oportunidade científica!

Lois esboçou um ligeiro sorriso como se reagisse a uma piada que só ela entendera. O seu desejo de passar tempo no espaço exíguo da batisfera com o belo Zavala não tinha nada a ver com a ciência. Bom... talvez tivesse a ver com biologia, de alguma forma.

A câmara voltou para Kane.

— Excelente trabalho, Joe — disse-lhe. — Gostava de cumprimentar e agradecer a todos os que ajudaram a tornar possível este projeto. A *National Geographic*, a Sociedade Zoológica de Nova Iorque, o governo da Bermuda... e a NUMA, claro. — Aproximou mais a cara da câmara, um movimento que o fez parecer uma garoupa sorridente. — Também gostava de enviar cumprimentos a todos os ocupantes do Baú de Davy Jones.

A sala irrompeu em gritos de júbilo e aplauso.

Logan era um nativo tranquilo do *Midwest* e mostrava-se normalmente reservado, mas bateu com a mão na coxa, entusiasmado.

— Uau! — exclamou. — Foi simpático do Doc lembrar-se de quem ainda se esfalfa aqui no Baú. É uma pena não podermos retribuir a cortesia.

Lois disse:

— Tecnicamente, é possível. Mas não é aconselhável. Para o resto do mundo, este laboratório subaquático nem sequer existe! É provável que

sejamos apenas uma linha discreta num orçamento do Congresso, convenientemente disfarçada como encomenda de assentos de sanita de quinhentos dólares para a marinha.

Logan sorriu.

— Sim, eu sei. Mas, mesmo assim, é pena não podermos congratular o Doc. Não consigo pensar em ninguém que merecesse mais, depois de tudo o que fez. — Percebeu pela expressão de Lois que tinha cometido uma gafe e acrescentou: — Tu também mereces muito crédito, Lois. Afinal, o teu esforço para aproximar o Projeto Medusa da conclusão permitiu a Max ausentar-se para mergulhar na batisfera.

— Obrigada, Frank. Todos nós abdicámos das nossas vidas normais para estar aqui.

Um gongo baixo ecoou pela sala e uma luz verde acendeu-se sobre um monitor que mostrava o que parecia ser um diadema de diamantes sobre veludo escuro.

— Por falar em deveres administrativos — começou Logan com um sorriso seco —, a tua companhia está prestes a chegar.

Lois torceu o nariz.

— Bolas. Queria ver o resto do mergulho do Doc.

— Traz o convidado para aqui para ver o espetáculo — sugeriu Logan.

— Não! Vou livrar-me dele tão depressa quanto possa — replicou Lois, erguendo-se.

Lois Mitchell media quase um metro e oitenta, caminhava para os cinquenta anos e engordara mais do que preferia. O corpo voluptuoso por baixo do fato folgado não respeitava os ideais contemporâneos de beleza, mas artistas de eras passadas teriam salivado pelas suas curvas e pele leitosa e pela forma como o cabelo volumoso negro lhe caía sobre os ombros.

Saiu e desceu uma escada em espiral até uma passagem profusamente iluminada. O corredor em forma de tubo conduzia a uma pequena câmara ocupada por dois homens junto a um painel de instrumentos voltado para uma porta dupla pesada.

Um dos homens disse:

— Olá, Lois. Contacto em quarenta e cinco segundos. — Apontou o ecrã no painel de instrumentos.

O aglomerado de luzes cintilantes visível no monitor da sala de controlo materializara-se num veículo submersível descendo lentamente. Recordava um helicóptero utilitário grande que tivesse sido despojado do seu rotor principal e fosse alimentado por turbinas de propulsão variável na fuselagem. Duas silhuetas eram visíveis na carlinga em forma de bolha.

A sala ecoava com o zumbido dos motores. Um diagrama do labo-

ratório no painel de controlo começou a piscar, indicando que as portas estanques tinham sido abertas. Após alguns momentos, as luzes pararam de piscar, significando o fecho das portas. O chão vibrou enquanto bombas poderosas eram ativadas. Quando a água foi expulsa da câmara, as bombas silenciaram-se e uma luz verde acendeu-se sobre as portas. Depois de pressionado um botão no painel de controlo, as portas abriram, permitindo a entrada de um odor salgado. O submersível repousava numa câmara circular com cobertura em cúpula. Cortinas de água do mar escorriam da fuselagem e rodopiavam nos escoadouros.

Uma escotilha abriu-se num dos lados e o piloto saiu. Os homens junto ao painel de controlo aproximaram-se para descarregar caixas de mantimentos de um compartimento de carga atrás da carlinga.

Lois aproximou-se e saudou o homem que saía do lado do passageiro. Era alguns centímetros mais alto que ela e vestia calças de ganga azul, ténis, um casaco impermeável e um boné de pala decorado com o logótipo da empresa que assegurava a segurança do laboratório.

Estendeu-lhe a mão.

— Seja bem-vindo ao Baú de Davy Jones. Sou a Dra. Lois Mitchell, diretora-adjunta do laboratório durante a ausência do Dr. Kane.

— Muito gosto, minha senhora — replicou o homem com um sotaque sulista na voz grave. — Chamo-me Phelps.

Lois esperara um sujeito de aparência quase militar como os guardas de aspeto duro que vislumbrara nas suas viagens ao navio de superfície, onde o pessoal do laboratório podia descansar do fundo do mar, mas Phelps parecia ter sido construído com peças soltas. Os seus braços eram demasiado longos para o corpo, as mãos eram demasiado grandes para os braços, a cabeça demasiado grande para os ombros. Com os seus olhos tristes e escuros e uma boca grande acentuada por um bigode de pontas caídas, quase parecia um cão de caça. O cabelo castanho-escuro era complementado por patilhas demasiado longas e fora de moda.

— A sua viagem foi agradável, Sr. Phelps?

— Não poderia ter sido melhor, minha senhora. A melhor parte foi ver as luzes no fundo do mar. Dei comigo a pensar que seria a Atlântida.

Lois encolheu-se com a comparação exagerada com a cidade perdida.

— Agrada-me ouvi-lo — disse. — Venha ao meu gabinete e discutiremos como poderei ajudá-lo.

Levou-o da câmara de compressão por outra passagem tubular, subindo uma escada em espiral até uma sala circular e mal iluminada. Peixes aproximavam-se da cúpula transparente no teto, criando a ilusão de que o mar tentava entrar.

Phelps ergueu a cabeça, maravilhado.

— Uma verdadeira vista para o mar! É incrível, minha senhora!

— As pessoas começam por achar que é hipnótico, mas acabam por se habituar. Na verdade, estamos no gabinete do Dr. Kane. Uso-o enquanto está ausente. Sente-se. E peço-lhe que não me trate por «minha senhora». Faz-me sentir que tenho cem anos. Prefiro Dra. Mitchell.

— Estaria muito bem conservada se tivesse cem anos, minha senh...
Dra. Mitchell.

Lois voltou a encolher-se e acendeu as luzes do gabinete para que a vida marinha se tornasse menos visível, reduzindo o seu potencial de distração. Abriu um pequeno frigorífico, retirou duas garrafas de água mineral fria e passou uma a Phelps. Sentou-se atrás da secretária cromada com tampo plástico de desenho simples.

Phelps puxou uma cadeira.

— Gostaria de lhe agradecer o seu tempo valioso, Dra. Mitchell. Terá certamente coisas melhores para fazer do que conversar com um aborrecido perito em segurança.

Se fizesses ideia..., pensou Lois. Esboçou um sorriso educado ao visitante.

— Como posso ajudá-lo, Sr. Phelps?

— A minha empresa enviou-me para procurar fragilidades na segurança do laboratório marinho.

Lois tentou perceber que tipo de idiota teria enviado Phelps para desperdiçar o seu tempo. Recostou-se na cadeira e apontou o teto transparente.

— Temos noventa metros de oceano a separar-nos da superfície. É melhor do que qualquer fosso de castelo. Há um navio-patrolha lá em cima com guardas da sua empresa armados até aos dentes. Reforçados, se for necessário, pelos recursos da marinha dos Estados Unidos. De que forma poderíamos estar mais seguros?

Phelps franziu a testa.

— Com o devido respeito, Dra. Mitchell, a primeira coisa que aprendemos neste ramo é que nenhum sistema de segurança no mundo é imune a brechas.

Lois ignorou o tom condescendente.

— Muito bem. Nesse caso, comecemos por uma visita virtual às instalações — disse.

Girou a cadeira e passou os dedos por um teclado de computador. Um diagrama tridimensional de algo que parecia uma série de globos ligados por tubos surgiu no ecrã.

— O laboratório consiste em quatro grandes esferas dispostas num padrão de diamante e unidas por corredores tubulares — começou Lois.

— Estamos no topo do módulo administrativo... aqui. Por baixo de nós,

ficam os aposentos da tripulação e a messe. — Manipulou o cursor para dar realce a outro globo. — Este módulo contém um centro de controlo, alguns laboratórios e um armazém. Este contém a pequena central nuclear. O ar é fornecido por um sistema que extrai oxigénio da água. Existem tanques de emergência. Estamos a algumas centenas de metros do desfiladeiro mais próximo.

Phelps apontou um semicírculo no centro do ecrã.

— Foi aqui que chegou o submersível?

— Exatamente — confirmou Lois. — Os minissubmarinos presos ao fundo do módulo de transportes são usados para recolha de espécimes no desfiladeiro, mas também podem servir para evacuar o laboratório e há cápsulas de emergência disponíveis como último recurso. A câmara de compressão é ligada por passagens reforçadas que permitem o acesso de qualquer módulo e contribuem para o fortalecimento estrutural do complexo.

— E o quarto módulo? — perguntou Phelps.

— Altamente confidencial.

— Quantas pessoas trabalham no complexo?

— Desculpe. Também é informação confidencial. Não fui eu que fiz as regras.

— Muito bem — disse Phelps com um aceno afirmativo. — É uma notável obra de engenharia.

— Foi um feliz acaso a marinha ter a estrutura pronta a usar. O laboratório foi originalmente desenvolvido como observatório de profundidade. Os componentes foram construídos em terra, equipados e rebocados até aqui em embarcações especiais. Estas foram unidas e os componentes foram montados como peças de um brinquedo antiquado, sendo o resultado submerso de uma vez só. Felizmente, não estamos a grande profundidade e o fundo marinho é relativamente plano. É aquilo a que chamam operação temporária. O complexo não foi concebido para ser permanente e, por isso, está preparado para regressar à superfície, onde poderá ser recuperado e movido para outra localização.

Phelps disse:

— Se não for grande incómodo, gostaria de ver as áreas visitáveis.

Lois Mitchell franziu a testa, indicando que o fazia sob protesto. Ergueu o auscultador do intercomunicador e contactou a sala de controlo.

— Frank — começou —, vai demorar um pouco mais que o planeado. Há novidades a respeito do Doc? Não? Está bem. Mantereí o contacto.

Pousou o auscultador com mais força do que a necessária e ergueu-se.

— Vamos, Sr. Phelps. Será uma visita muito rápida.

...

A cinquenta milhas do Baú de Davy Jones, a superfície ondulante do mar escuro explodiu em espuma e gotas de água. Um tubo de alumínio com seis metros irrompeu no centro do turbilhão, elevando-se num ângulo e deixando um rasto branco em leque, voltando a descer sobre as ondas numa trajetória curva.

Segundos depois, o míssil de cruzeiro nivelou-se até se mover sete metros sobre o mar, tão baixo que a sua passagem deixava um sulco nas águas. Impelido pelo seu propulsor de combustível sólido, o míssil acelerou rapidamente e, quando perdeu a cápsula e as hélices, atingira já uma impressionante velocidade de cruzeiro de oitocentos quilómetros por hora.

Uma série de mecanismos de navegação sofisticados mantinham o míssil no trajeto certo, de forma tão eficaz como se fosse manobrado por um piloto experiente.

O alvo do míssil veloz era um grande navio de casco cinzento ancorado perto da boia vermelha e branca que marcava a localização do laboratório submarino. O nome marcado no casco era *Proud Mary* e estava registado nas Ilhas Marshall como navio de pesquisa. O *Proud Mary* estava ancorado perto da boia, esperando que o submersível regressasse com Phelps a bordo.

O navio pertencia a uma empresa obscura que fornecia embarcações a empresas de segurança internacional com necessidade de meios navais. Forneciam tudo desde lanchas pequenas, velozes e fortemente armadas até navios com dimensão suficiente para transportar exércitos de mercenários até qualquer parte do mundo.

Encarregue de proteger o laboratório submarino, o *Proud Mary* levava a bordo duas dúzias de guardas hábeis no uso de todo o tipo de armas pessoais, bem como um amplo manancial de sensores eletrónicos capazes de detetar navios ou aviões que se aproximassem. O navio também funcionava como ancoradouro para o submersível que transportava mantimentos e pessoal entre o laboratório e a superfície.

No seu salto do oceano, o míssil de cruzeiro dera sinal no ecrã do radar do navio durante apenas alguns segundos. A longa inatividade entorpecera a atenção do operador e estava ocupado a ler uma revista de motas quando o míssil fez a sua breve aparição antes de desaparecer do radar. O navio também tinha sensores infravermelhos, mas, mesmo que o míssil voasse a maior altitude, não teriam conseguido captar o calor reduzido do motor.

Sem ser detetado, o míssil avançou para o *Proud Mary* transportando uma ogiva com meia tonelada de explosivos.

Lois Mitchell e Gordon Phelps seguiam pelo corredor tubular que conduzia ao centro de controlo quando ouviram um estrondo sonoro que parecia vir

de um ponto muito acima das suas cabeças. Lois parou, ergueu a cabeça e ficou à escuta, tentando perceber se teria sido uma falha dos sistemas.

— É a primeira vez que ouço algo assim — disse. — Pareceu um camião a chocar contra uma parede. Será melhor verificar que todos os sistemas do laboratório funcionam como devem.

Phelps olhou para o relógio.

— Parece-me que as coisas avançam um pouco adiante da hora prevista.

— Será melhor verificar a situação na sala de controlo.

— Boa ideia — considerou Phelps, com tom amistoso.

Começaram a caminhar para a porta no fundo da passagem. Quando estavam a alguns passos do módulo onde se situava a sala de controlo, a porta abriu-se com um silvo e Frank Logan saiu. A sua face pálida estava corada pela emoção e sorria.

— Lois! Ia chamar-te. Ouviste aquele barulho estranho...

Logan parou e o sorriso perdeu-se. Lois voltou-se para ver o que ele vira.

Phelps segurava uma pistola junto à coxa.

— Que se passa? — perguntou. — Não permitimos armas no laboratório.

Phelps dirigiu-lhe um olhar culpado.

— Como lhe disse, nenhum sistema de segurança está imune a brechas. O laboratório está sob nova gestão, Dra. Mitchell.

Mantinha o mesmo tom cordial, mas a voz perdera a qualidade subserviente que Lois achara tão irritante. Fora substituída por uma entoação que não percebera antes. Phelps disse a Logan que se aproximasse de Lois para poder vigiá-lo. Enquanto Logan obedecia, a porta da sala de controlo voltou a abrir e um técnico laboratorial saiu. Instintivamente, Phelps apontou a arma na direção da interrupção. O técnico laboratorial estacou, mas Logan, percebendo a distração momentânea, tentou segurar a arma.

Lutaram, mas Phelps era mais jovem e mais forte e teria levado a melhor mesmo que a arma não tivesse disparado. O ruído foi abafado pelo silenciador e uma mancha vermelha alastrou pela bata branca de Logan. As suas pernas cederam e caiu ao chão. O técnico correu de volta à sala de controlo. Lois aproximou-se e ajoelhou-se junto ao corpo imóvel de Logan. Abriu a boca para gritar, mas não conseguiu produzir qualquer som.

— Matou-o! — disse, por fim.

— Bom... — disse Phelps. — Não pretendia fazê-lo.

— Que pretendia fazer? — perguntou Lois.

— Não tenho tempo para o discutir agora, minha senhora.

Lois ergueu-se para confrontar Phelps.

— Também me vai matar a mim?
— Só se me obrigar a fazê-lo, Dra. Mitchell. Não tente nenhuma loucura como o seu amigo. Não gostaríamos de a perder.

Lois fixou em Phelps um olhar de desafio durante alguns segundos antes de sucumbir à sua determinação inabalável.

— O que quer?

— Por agora, quero que reúna todo o pessoal do laboratório.

— E depois? — perguntou.

Phelps encolheu os ombros.

— Depois, vamos dar um passeio.



6.

OS PASSAGEIROS DA B3 DECIDIRAM RELATAR AS SUAS OBSERVAÇÕES COMO se fossem comentadores desportivos. Joe Zavala ocupava-se da narração das jogadas e Max Kane conferia o colorido citando os escritos de William Beebe.

Aos oitenta e sete metros de profundidade, Kane anunciou:

— O paquete torpedeado *Lusitania* repousa a esta profundidade.

Aos cento e sete metros de profundidade, referiu:

— Esta era a profundidade máxima atingida por qualquer submarino quando Beebe fez o seu mergulho.

Quando a batisfera alcançou os cento e oitenta e dois metros, Kane retirou o gorro da sorte da cabeça e prendeu-o nas mãos.

— Entrámos naquilo a que Beebe chamou Terra dos Perdidos — disse, baixando a voz. — É o reino dos humanos perdidos no mar. Remontando ao tempo dos Fenícios, milhões de seres humanos desceram até esta profundidade, mas todos estavam mortos, vítimas de afogamentos provocados por guerras, tempestades ou atos divinos.

— Um pensamento animador — considerou Zavala. — Foi por isto que cumprimentou o Baú de Davy Jones... o sítio para onde vão os marinheiros afogados?

Zavala preparara um interruptor para desligar as câmaras e o microfone. Kane estendeu a mão e disse:

— Joe e eu faremos uma curta pausa. Voltaremos com mais observações dentro de minutos. — Pressionou o botão. — Preciso de descansar

— confessou, sorrindo. — Perguntou pelo Baú... É a alcunha que os meus colegas deram ao laboratório.

— O Centro de Investigação Marinha de Bonefish Key? — perguntou Zavala.

Kane olhou para a câmara.

— Isso mesmo. Bonefish Key.

Zavala tentou perceber o que levaria alguém a comparar uma ilha soalheira da Florida no Golfo do México com o sinistro reino dos afogados. Resignou-se a um encolher de ombros mental. Os cientistas eram gente estranha.

— Beebe parece mórbido, mas tinha uma visão relativamente favorável do oceano — explicou Kane. — Sabia que os riscos eram reais, mas considerava o perigo das profundezas exagerado.

— Os milhões de vítimas de afogamento que referiu talvez discordassem — disse Zavala. — Respeito tudo o que Beebe e Barton fizeram, Doc, mas, falando como engenheiro, diria que foi apenas por sorte que não se mudaram para a Terra dos Perdidos. A batisfera original era um acidente à espera de acontecer.

Kane reagiu à afirmação com uma gargalhada.

— Além de ser um sonhador, Beebe era também realista — disse. — Comparava a batisfera a uma ervilha oca presa num fio de teia de aranha um quarto de milha abaixo do convés de um navio navegando pelo oceano.

— Poético, mas bastante rigoroso — replicou Zavala. — Foi precisamente por esse motivo que incluí segurança acrescida nesta nova versão.

— Ainda bem que o fez — considerou Kane. Tornou a ligar o microfone e voltou a sua atenção para o cenário visível pela vigia.

A B3 oscilava ligeiramente nalguns momentos, mas a descida foi marcada mais por mudanças na luz que entrava pelas vigias do que por qualquer percepção de movimento. A mudança cromática mais drástica ocorreria no início de um mergulho. O vermelho e o amarelo desapareciam do espectro como se fossem sugados por uma esponja. O verde e o azul dominavam. A maior profundidade ainda, a cor da água mudava para um azul-escuro e, por fim, tingia-se de um negro intenso.

Na fase inicial do mergulho, peixes-piloto, enguias prateadas, nuvens de copépodes e faixas rendilhadas de sifonóforos desfilavam diante das vigias como minúsculos fantasmas, juntamente com camarões, lulas translúcidas e caracóis tão ínfimos que se assemelhavam a bolhas castanhas. Formas longas e sombrias avistavam-se ao longe, parcialmente iluminadas pelo foco de luz da B3.

Aos duzentos e treze metros, Zavala desligou o projetor. Espreitou pela vigia e murmurou uma exclamação agradada em espanhol. Crescera

em Santa Fé e o que via pela vigia parecia um céu do Novo México numa noite de inverno sem nuvens. A escuridão salpicava-se com estrelas, algumas isoladas, outras em grupos, algumas cintilando continuamente, outras uma única vez. Havia fios de luminescência flutuante e manchas fosforescentes que podiam ser novas ou nebulosas num contexto celestial.

Havia silêncio no interior da batisfera. O som mais elevado era o zumbido baixo do motor da circulação de ar. Quando Kane viu uma forma ondulante passar diante da vigia, a reação ecoou como um tiro.

— Uau! — exclamou. — Uma medusa-da-lua.

O entusiasmo de Kane fez Zavala sorrir. Apesar de ser inegável a beleza do movimento ondulante da medusa, a criatura do lado exterior da vigia da batisfera media apenas alguns centímetros de diâmetro.

— Quase me assustou, Doc. Pensei que tivesse avistado o monstro do Loch Ness — disse Zavala.

— É muito melhor que a Nessie. As medusas são dos animais mais fascinantes e complexos à face da Terra e sob as ondas. Veja aquele cardume iluminar-se como a *Strip* de Las Vegas... peixes-lanterna... Ei — disse Kane. — O que foi aquilo?

— Viu uma sereia, Doc? — perguntou Zavala.

Kane pressionou a cara contra a vigia.

— Não sei ao certo o que vi — respondeu. — Mas sei que era grande.

Zavala ligou o projetor e um feixe de luz verde delineado a azul penetrou a escuridão enquanto espreitava pela vigia.

— Desapareceu — disse. — Fosse o que fosse.

— Beebe avistou um peixe grande que julgou poder ser um tubarão-baleia — disse Kane para a câmara. — Até ao mergulho da batisfera, os seus colegas cientistas nunca acreditaram que tivesse visto peixes com dentes cintilantes e pele como néon. Riu por último quando provou que as profundezas abissais eram ricas em criaturas estranhas.

— E tornam-se cada vez mais estranhas — disse Zavala, apontando para si próprio. — Os nativos que nadam à nossa volta deverão achar que somos acréscimos bastante desagradáveis para a vizinhança.

O riso alto de Kane ecoou pelas paredes curvas da batisfera.

— Peço desculpa aos ouvintes. Espero não ter estourado as vossas colunas. Mas Joe está certo. Os humanos não têm qualquer direito de estar onde estamos agora. A pressão no exterior deste globo é de meia tonelada por cada três centímetros cúbicos. Ficaríamos tão pouco sólidos como alforrecas sem a carapaça de aço que nos protege... Ei, mais peixes-lanterna. Bolas. São lindíssimos. E ali está... Ups!

A descida da batisfera fora suave e sem desvios, mas, subitamente, uma vibração forte fez-se sentir enquanto Kane falava. A B3 ergueu-se e

baixou em movimento lento. Kane olhou em redor, com olhos arregalados, como se esperasse ver o mar a entrar.

Zavala contactou o navio de apoio.

— Para de usar a B3 como ioiô, Kurt.

Vagas invulgarmente agrestes tinham balouçado o navio e, de repente, o cabo afrouxara. O operador do guindaste notou a mudança e ativou o motor.

— Desculpem o safanão — disse Austin. — O cabo afrouxou e tentámos ajustar demasiado rápido.

— Não é surpreendente com um cabo destas dimensões.

— Agora que falas nisso, talvez queiras conferir o medidor de profundidade.

Zavala olhou para o monitor e tocou no ombro de Kane. Kane afastou o olhar da vigia e viu o dedo de Zavala a apontar para o aparelho.

Novecentos e vinte e três metros.

Tinham superado o mergulho histórico da batisfera original por um metro.

O maxilar de Max Kane desceu quase até à maçã-de-adão.

— Conseguimos! — anunciou. — Mais de novecentos metros de profundidade.

— E quase no limite do cabo — disse Kurt. — O fundo do mar estará uns quinze metros abaixo do ponto onde se encontram.

Kane e Joe Zavala uniram as mãos num *high five*.

— Não acredito — disse Kane. Tinha a cara corada de emoção. — Gostaria de aproveitar este momento para agradecer aos intrépidos William Beebe e Otis Barton — prosseguiu — por abrirem o caminho a todos os que se seguiram. O que fizemos hoje é um tributo à sua coragem... Vamos passar algum tempo ocupados a tirar fotografias do fundo do mar e, por isso, vamos interromper a comunicação por alguns minutos. Voltaremos a contactar quando iniciarmos a subida para a superfície.

Cortaram a transmissão televisiva e posicionaram-se junto às vigias com câmaras fotográficas, tirando dúzias de fotografias das criaturas estranhas e reluzentes que as luzes da batisfera tinham atraído. Eventualmente, Zavala conferiu o tempo que tinham passado no fundo e disse que era o momento certo para a subida.

Kane sorriu e apontou para cima.

— Vamos.

Zavala contactou Austin pelo rádio e disse-lhe que estavam prontos para subir.

A B3 balouçou ligeiramente, vibrou e moveu-se de lado a lado.

Zavala endireitou-se.

— Estamos outra vez a balouçar aqui, Kurt. O mar voltou a encrespar?

— Está liso como um espelho. O vento parou e as ondas nivelaram.

— Joe — disse Kane. — Lá está outra vez... o peixe monstruoso! —

Apontou a vigia com o indicador.

Uma sombra passou perto do limite do foco de luz e voltou-se na direção da batisfera.

Enquanto Zavala pressionava a cara contra a vigia, sentiu todos os seus pelos eriçarem-se. Via três olhos brilhantes, um deles sobre os outros dois.

Teve pouco tempo para analisar as suas impressões.

— Vemos o cabo oscilar perto da superfície — disse a voz de Kurt. —

O que se passa?

Novo movimento brusco.

— Há alguma coisa ali fora — disse Zavala.

— Que tipo de coisa? — perguntou Austin.

Zavala não estava certo e limitou-se a dizer:

— Icem-nos.

— Segurem-se — disse-lhes Austin. — Vamos ativar o guindaste.

A batisfera pareceu estabilizar. Os números no medidor de profundidade alteraram-se, mostrando que o globo se movia para a superfície. Kane esboçou um sorriso aliviado que desapareceu quando a batisfera sofreu novo safanão. Um segundo depois, os homens na B3 mergulhavam como se estivessem num elevador desgovernado.

A batisfera estava em queda livre.



7.

AUSTIN DEBRUÇOU-SE SOBRE A AMURADA DO NAVIO E VIU O CABO DA B3 A vibrar como uma corda de violino cortada. Falou para o microfone que se projetava dos auscultadores, ligando-o à batisfera.

— Que se passa, Joe? O cabo enlouqueceu.

Austin ouviu vozes confusas e palavras incompreensíveis sob um fundo de estrondos metálicos. A seguir, o cabo parou abruptamente o seu movimento giratório selvático e deixou de ouvir por completo.

Forçou-se a escutar. Nada. Nem sequer um sussurro de estática. Tirou os auscultadores e examinou o cabo. Tudo estava no sítio certo. Ergueu o rádio preso ao cinto e contactou o comandante na ponte de comando.

— Perdi o contacto com a B3. A transmissão vídeo mantém-se?

— Não desde que a interromperam — respondeu o comandante.

— Já verificou os sistemas secundários? — perguntou Austin.

Ao contrário da batisfera original, ligada à superfície por um único fio telefónico, o cabo da B3 incorporava comunicações diversas prevendo a possibilidade de uma delas falhar no ambiente hostil das profundezas marinhas.

— É o mesmo, Kurt. Nada. Nenhum dos sistemas está ativo.

Um franzir de testa marcou a face bronzeada de Austin. Não fazia sentido. Se um sistema falhasse, o outro deveria substituí-lo. Zavala gabara-se de que a segurança concebida para a B3 igualava a de um avião comercial.

Ordenou ao operador do guindaste que recolhesse o cabo. Enquanto deslizava para fora de água e se enrolava ao tambor, a voz do operador fez-se ouvir pelos auscultadores.

— Kurt, há um problema. O cabo sobe demasiado rápido e com demasiada facilidade. Não há peso na extremidade. É como rodar um carroto depois de perder o peixe.

Austin pediu ao operador do guindaste para acelerar a recolha da batisfera e o cabo começou a subir com uma velocidade ainda maior. A equipa de lançamento pressionou-se contra a amurada, observando o cabo em silêncio. A equipa de filmagens da NUMA, sentindo a tensão no ar, desligara as câmaras.

— Quase à superfície — advertiu o operador. — Atenção!

A velocidade do guindaste abrandou, mas, mesmo assim, o cabo estalou como um chicote quando saiu da água, sem sinal da batisfera. O operador moveu o braço do guindaste para cima do convés e ativou o motor no sentido inverso, deixando cair vários metros de cabo. Austin aproximou-se e ergueu a extremidade.

Um operador de câmara posicionado por perto viu-o erguer a ponta do cabo.

— A maldita coisa partiu! — disse.

Austin sabia que o cabo conseguiria suportar um peso dez vezes superior ao da B3. Examinou-o de perto. Os fios estavam tão nivelados como as cerdas de um pincel. Voltou-se para o oceanógrafo da NUMA que escolhera o local para o mergulho.

— Há alguma coisa na geografia do fundo, algum recife ou saliência em que o cabo pudesse ficar preso? — perguntou.

— O fundo é plano como uma tábua de engomar — respondeu o oceanógrafo, quase insultado pela pergunta. — Há um tapete de vegetação marinha, mas nada mais. Apenas lama. Foi por isso que escolhemos este sítio. Estudámos demoradamente o fundo antes de fazermos a recomendação.

Observando da ponte, o comandante Gannon vira Austin a examinar o cabo. Desceu ao convés e praguejou sonoramente quando Austin lhe mostrou a ponta cortada.

— Que raio aconteceu?

Austin abanou a cabeça.

— Gostava de saber.

— Os barcos da imprensa têm-nos contactado — disse o comandante. — Querem saber o que aconteceu à transmissão de vídeo.

Austin olhou para o círculo de embarcações mantidas à distância por uma patrulha da guarda costeira.

— Diga-lhes que houve um problema com o cabo de fibra ótica. Precisamos de tempo para perceber o que se passou.

O comandante contactou a ponte e transmitiu a sugestão de Austin, voltando a prender o rádio no cinto.

— Terá solução, Kurt? — perguntou Gannon, com preocupação notória no olhar. — Os flutuadores da B3 conseguirão trazê-la de volta à superfície, não?

Austin semicerrou as pálpebras, protegendo os olhos do brilho da superfície.

— A batisfera está a grande profundidade. Teremos de lhe dar algum tempo. Mas será melhor prepararmos um veículo de controlo remoto para o caso de precisarmos de ver o que se passa.

Apesar da aparente serenidade, Austin sabia que cada minuto que passava reduzia a possibilidade de uma subida com os flutuadores. A batisfera podia contar com as baterias para manter a iluminação, mas o ar acabaria por se esgotar. Esperou mais alguns minutos antes de chamar o comandante, recomendando o lançamento do VCR.

O veículo de controlo remoto, ou VCR, tornara-se o principal meio de exploração submarina. Controlado graças a um cabo, um VCR conseguia mergulhar, manobrar em espaços apertados e transmitir imagens televisivas, permitindo ao operador viajar pelas profundezas sem abandonar o conforto seco do navio.

O comandante escolheu um veículo de tamanho médio, aproximadamente com o tamanho de um baú, capaz de operar a uma profundidade rondando os dois mil metros. Seis propulsores posicionavam-no com rigor e estava equipado com dois braços para recolha de amostras e com várias câmaras, incluindo câmaras de alta definição.

Um guindaste telescópico retirou o VCR do seu suporte e baixou-o até ao mar. Austin viu-o afundar-se sob uma nuvem de bolhas verdes pálidas, puxando o cabo. A seguir, dirigiu-se ao centro de controlo remoto instalado num contentor sobre o convés principal.

As imagens que chegavam pelo cabo do VCR eram mostradas numa consola que permitia a uma operadora controlar o movimento por intermédio de um manípulo. As imagens eram ainda visíveis num grande ecrã sobre a consola. A direção e a velocidade do VCR eram mostradas em letras e números no topo do ecrã, juntamente com um cronómetro.

Movendo-se numa espiral descendente, o VCR cobriu em minutos a mesma distância que a batisfera descera em horas. O engenho passou entre cardumes, dispersando os peixes como folhas enquanto continuava a descida.

— Nivelamos — disse a operadora.

Fez o veículo mover-se numa descida inclinada como um avião preparando a aterragem. Os seus dois projetores gémeos iluminaram vegetação castanha-esverdeada no fundo que fazia lembrar espinafres ondulando com a corrente. Não havia sinais da *Batisfera 3*.

Austin disse:

— Inicia a pesquisa em linhas paralelas de trinta metros.

O VCR movia-se cerca de seis metros acima da vegetação. Terminou a primeira linha de trinta metros e regressou com cerca de quatro metros separando-o do percurso inicial. O indicador de velocidade mostrava que a velocidade era de cinco nós.

Austin abria e cerrava os pulsos, impaciente com o ritmo insuportavelmente lento. Outros membros da tripulação reuniram-se diante do ecrã, mas não se ouviam quaisquer vozes além da comunicação rápida entre Austin e a operadora do VCR. Mentalmente, excluiu tudo o que o rodeava, concentrando-se no monitor como se estivesse pessoalmente montado sobre o VCR.

Passaram-se mais cinco minutos.

O movimento metódico do VCR para trás e para diante era semelhante ao de um cortador de relva. As imagens captadas pelo seu olho eletrónico continuavam a mostrar a mesma monotonia cromática do tapete verde-acastanhado.

— Espera — disse Austin. Vira alguma coisa. — Vai para a esquerda.

Com um movimento do manípulo, a operadora inclinou-o até ficar perpendicular ao percurso inicial. Os focos de luz captaram lama revolta no bordo de uma cratera. Via-se uma cúpula coberta de lama no centro da cratera. Percebia porque a B3 não voltara à superfície. Os seus flutuadores estavam enterrados na lama. Pediu à operadora para soprar a lama que cobria a batisfera. Os propulsores do VCR ergueram uma densa nuvem castanha que quase não deixou marcas na cobertura compacta.

A pedido de Austin, a operadora pousou o VCR no fundo e apontou os projetores para a esfera. Austin olhou para a imagem, invocando todo o seu treino e experiência.

Ponderava as dificuldades técnicas do resgate da B3 do fundo do mar quando uma sombra surgiu no lado direito do monitor. Algo se movia. Foi visível por um momento e desapareceu logo a seguir.

— O que era aquilo? — perguntou a operadora.

Antes que Austin pudesse arriscar um palpite, o ecrã ficou preto.

8.

ZAVALA ESTAVA DEITADO DE LADO, COM O BRAÇO DIREITO PRESO SOB A ANCA e com o esquerdo dobrado junto ao peito. As pernas estavam imobilizadas por um peso suave. Ignorando as pontadas dolorosas por baixo da orelha, ergueu a cabeça e viu Kane atravessado de bruços sobre os seus joelhos.

Com a luz ténue alimentada pelas baterias, Zavala viu o interior da batisfera coberto com papéis, sacos, roupa, garrafas de água, almofadas e outros objetos soltos. Ergueu a mão para os auscultadores e apertou-os contra as orelhas. Silêncio. Testou os auscultadores de Kane. Nem sequer se ouvia estática.

A perda de comunicações era assustadora, mas a natureza otimista de Zavala não lhe permitiria perder tempo pensando no azar. Moveu uma perna, libertou o pé e usou-o para empurrar o corpo de Kane, libertando a outra perna. Kane ficou deitado de costas e um gemido baixo escapou-se-lhe dos lábios.

As dores provocadas pelo movimento agoniaram Zavala. Retirou o estojo de primeiros socorros da parede e abriu uma ampola, movendo-a por baixo das narinas. O odor acre fê-lo ficar alerta.

Retirou o gorro da sorte e passou cuidadosamente os dedos sobre o couro cabeludo, encontrando um alto que parecia grande como um ovo. Despejou água de um cantil sobre uma compressa e pressionou-a levemente contra a cabeça. Até a pressão mais ligeira era dolorosa, mas as palpitações cessaram.

Colocou uma almofada sob a cabeça de Kane. Retirou-lhe o gorro e aplicou-lhe também a compressa. Kane estremeceu e abriu os olhos.

— Au! — exclamou. Um bom sinal.

Zavala aliviou a pressão, mas manteve a compressa onde estava.

— Desculpe, Doc. A Florence Nightingale não pôde vir e terá de se contentar comigo — disse-lhe. — Tente mover os dedos dos pés e das mãos.

Kane fletiu mãos e pés e dobrou os braços e as pernas, gemendo de dor.

— Parece-me que não está nada partido.

Zavala ajudou-o a sentar-se e passou-lhe o cantil. Esperou até ter bebido alguns goles antes de dizer:

— De que se lembra, Doc?

Kane pressionou os lábios, pensativo.

— Olhava pela vigia, transmitindo as minhas observações. — Olhou para os auscultadores.

— Não vale a pena — disse-lhe Zavala. — Não funcionam.

A face de Kane ficou da cor de papas de aveia.

— Não temos contacto com a superfície?

— Temporariamente... Continue.

Kane inspirou fundo.

— Vimos um peixe ou baleia de grandes dimensões. A seguir, lembro-me de um safanão que me projetou para o alto. E mais nada. E você?

Zavala ergueu o polegar.

— A mesma coisa. Fui projetado e embati no teto. Usei a mão para conter a pancada, mas consegui apenas um braço dorido. Ainda bem que tenho a cabeça dura.

— Parece que o cabo terá escapado do tambor.

Zavala não disse nada.

— Não percebo — continuou Kane. — Porque não nos içaram? — Notou que a batisfera estava perfeitamente imóvel e pareceu aperceber-se de alguma coisa. — Não nos movemos, Joe. O que aconteceu?

Zavala queria evitar o pânico, mas seria impossível aligeirar a situação.

— Parece-me que estamos no fundo, Doc.

Kane olhou para o painel de instrumentos e viu que os sistemas eram alimentados pelas baterias.

— Se ainda estivéssemos ligados, teríamos abastecimento de energia. Raios! O cabo deve ter-se partido.

— Isso seria quase impossível. E poderia haver outros motivos para a falha energética. Falamos de contacto mantido graças a um cabo através de novecentos metros de oceano. Lembra-se da comparação de Beebe entre

a batisfera e uma ervilha numa teia? Nenhum sistema concebido pelo homem será infalível, mas não estamos no *Titanic*. Mesmo sem ligação com a superfície, temos outras opções.

Kane animou-se.

— Sim, claro! O sistema de flutuação.

Zavala conseguiu sorrir.

— E se subíssemos ao *Beebe* para preparar um jarro de margaritas?

— Que esperamos? — Kane mostrava-se tão eufórico como um condenado à morte a quem tivessem adiado a sentença no último momento.

Zavala retirou um saco de nylon da parede e pediu a Kane para arrumar o interior da batisfera. Manter-se ocupado ajudaria também a manter-lhe o ânimo.

— Os tanques de ar comprimido estão situados no centro da plataforma e alimentam flutuadores presos nos pés da batisfera — explicou Zavala. — Quando o interruptor é ativado, abrem-se comportas de cada lado, o ar comprimido enche os flutuadores imediatamente e elevam-nos até à superfície, onde o navio conseguirá resgatar-nos.

Kane esfregou as mãos em antecipação.

— Margaritas, aqui vamos nós.

Zavala aproximou-se do painel de instrumentos.

— Engraçado, não é? Tanto trabalho para chegarmos ao fundo do mar e, quando finalmente chegamos, queremos voltar para cima.

— Podemos discutir as implicações filosóficas no convés do *Beebe* — disse Kane. — Ficaria feliz por poder esticar as pernas.

Zavala voltou a sua atenção para uma caixa de plástico presa à parede junto ao painel de instrumentos. Abriu a caixa, revelando um botão vermelho decorado com uma seta apontando para cima.

— Será um processo com duas etapas — explicou. — Este botão prepara o sistema e o botão idêntico no painel de controlo ativa-o. Quando disser, pressione o botão e eu faço o mesmo. Depois espere. Haverá uma pausa de dez segundos.

Kane colocou os dedos sobre o botão que Zavala indicara.

— Pronto.

— Agora — disse Zavala.

Zavala testara o sistema de fuga num tanque de água e preparara-se para um estouro abafado e para um silvo, mas não aconteceu nada após dez segundos. Pediu a Kane para tentar novamente. O resultado foi o mesmo. Zavala conferiu um indicador que deveria indicar avarias, mas não encontrou qualquer problema.

— Porque não funciona? — perguntou Kane.

— Alguma coisa terá saído do sítio quando batemos no fundo. Não se preocupe. Programei um sistema secundário.

Zavala passou os dedos por um teclado para transferir o sinal e pediu a Kane para tentar mais uma vez. O falhanço repetiu-se. Teriam de passar ao interruptor manual. Abriu outro painel coberto de plástico e enfiou o dedo numa argola presa a um fio. Puxando o fio, explicou, desencadearia uma pequena corrente elétrica que ativaria os flutuadores.

Cerrou os dentes e puxou. Nada. Tentou mais vezes, mas era inútil. A ativação manual não funcionou.

Kane observava as tentativas infrutíferas com apreensão crescente.

— Qual é o problema? — perguntou.

A mão de Zavala afastou-se do fio. Olhou para o vazio, concentrando-se no funcionamento do sistema de flutuação. Moveu o olhar para a vigia.

Ligou o projetor e ficou intrigado por não ver luz. Aproximou-se da vigia. Retirando uma lanterna do seu suporte na parede, apontou a luz à vigia, protegendo os olhos do reflexo. A luz não conseguiu penetrar a escuridão.

Passou a lanterna a Kane.

— Espreite.

Kane espreitou pela vigia.

— Está tapada com lama negra.

— Embatemos com força. Não há problema nenhum nos flutuadores. As portinholas estão bloqueadas com lama.

Kane permaneceu calado por um momento. Quando voltou a falar, fê-lo num sussurro.

— Estamos tramados, não estamos?

Zavala estendeu a mão e segurou-lhe um pulso com firmeza.

— Calma, Doc — disse, mantendo a voz estável.

Os seus olhares cruzaram-se por um segundo e Kane disse:

— Desculpe, Joe. O comando é seu.

Zavala soltou-lhe o pulso.

— Não quero soar demasiado casual. É verdade que estamos num apuro, mas há esperança. A tripulação do *Beebe* terá percebido que houve algum problema e conhecem a nossa posição.

— De que servirá se o cabo está partido? Terão de conseguir içar-nos de alguma forma.

— De certeza que o Kurt encontrará uma forma.

Kane roncou.

— Austin é um tipo impressionante, mas não fará milagres.

Zavala recordou as inúmeras ocasiões em que a coragem e o engenho de Austin os tinham resgatado ao desastre.

— Trabalho com o Kurt há anos e não conheço ninguém que mais consiga aproximar-se de fazer milagres. Se alguém conseguir tirar-nos daqui, será ele. Temos ar para mais de três horas e energia suficiente para luz e calor. Os nossos maiores problemas serão o tédio e *el baño*. — Ergueu um saco de plástico. — Isto satisfará as nossas necessidades sanitárias. Porque fomos unidos pelo destino, talvez nos devamos conhecer melhor. Fale-me do seu trabalho — disse Zavala.

A face de Kane iluminou-se e pareceu esquecer o ambiente claustrofóbico.

— A minha especialidade é o filo dos cnidários, que inclui a classe de animais habitualmente conhecida como alforrecas. Muitas pessoas não as consideram terrivelmente emocionantes.

— Acho que as alforrecas são muito emocionantes — disse Zavala. — Já fui picado por uma caravela-portuguesa. O encontro foi extremamente doloroso.

— A caravela-portuguesa não é considerada uma alforreca «verdadeira», mas sim uma colónia de organismos diferentes vivendo em simbiose. Os tentáculos estão equipados com milhares de cnidócitos, inoculadores de veneno, que atingem comprimentos de vinte metros. Mas o tamanho não é o mais importante. Teve sorte de não encontrar a pequena vespa-do-mar. A picada dessa criatura poderia tê-lo enviado para a morgue.

— Não me considerei muito sortudo quando aconteceu — disse Zavala, recordando a queimadura resultante. — Qual é o foco da sua pesquisa?

— O meu laboratório tem trabalhado em biomedicina marinha. Consideramos o oceano uma importante fonte futura de compostos farmacêuticos.

— Como a floresta amazónica?

— Tem havido muito interesse na Amazónia, mas acreditamos que o oceano superará facilmente qualquer coisa encontrada na selva.

— Alforrecas em vez de jaguares?

— Existem mais semelhanças do que diferenças entre terra e mar. Veja o curare, por exemplo. Os índios da Amazónia usavam-no como veneno paralisante na ponta das suas flechas, mas as suas propriedades de relaxante muscular tornam-no útil para a medicina.

— E vê potencial semelhante nas alforrecas?

— Não apenas nas alforrecas. Nas alforrecas, lulas, polvos, caracóis... criaturas aparentemente simples com sistemas complexos de alimentação e defesa.

— Que tipo de trabalho fazia no Oceano Pacífico? — perguntou Zavala.

— Trabalhava num projeto que poderá ter repercussões para todos os homens, mulheres e crianças do planeta.

— Agora conseguiu captar a minha atenção. Diga-me mais.

— Não posso — replicou Kane. — É confidencial. Já disse demasiado. Se dissesse mais, teria de o matar.

Percebeu o absurdo da ameaça perante a gravidade da situação em que se encontravam e começou a rir de forma descontrolada. Zavala conteve a gargalhada.

— Rir gasta demasiado oxigénio.

Kane ficou novamente sério.

— Acredita realmente que Austin virá salvar-nos?

— Nunca falhou antes.

Kane fingiu correr um fecho sobre a boca.

— Nesse caso, a natureza do meu trabalho terá de permanecer confidencial na hipótese remota de sairmos desta maldita bola de aço.

Zavala permitiu-se uma gargalhada baixa.

— Suponho que o seu romance com o mundo de Beebe tenha chegado ao fim.

Kane conseguiu forçar um sorriso.

— É a sua vez, Joe. Conte-me como veio parar à NUMA.

— O almirante Sandecker contratou-me mal saí da faculdade. Precisava de um bom mecânico.

Zavala mostrava-se modesto. Filho de imigrantes mexicanos, formara-se em Engenharia Naval na Escola Náutica de Nova Iorque. Revelava brilhantismo em tudo o que dissesse respeito à mecânica e conhecia todos os tipos de propulsão, sendo capaz de reparar, modificar ou restaurar qualquer motor (de automóvel, navio, avião), fosse movido a vapor, *diesel* ou eletricidade.

Sandecker fora informado acerca do aluno brilhante e recrutou-o antes mesmo de obter o diploma. Na NUMA, era o principal responsável pela conceção de veículos submersíveis tripulados ou não. E era também um piloto de aviões muito competente.

— Pondo as coisas dessa forma, parece que a NUMA o contratou para mudar pneus na oficina da agência — disse Kane. Observou a batisfera em redor. — Não estaríamos vivos sem as modificações que implementou na B3.

Zavala encolheu os ombros. Apesar da confiança, sabia que o resgate seria problemático. Reduzir o consumo de ar apenas prolongaria o inevitável. Olhou para o painel de instrumentos. Restavam pouco mais de duas horas de ar. A atmosfera rarefeita deixava-o sonolento. Fechou os olhos e tentou não pensar no esgotamento do oxigénio.

9.

MAIS UMA VEZ, AUSTIN OBSERVARA DE LÁBIOS COMPRIMIDOS ENQUANTO um cabo era retirado do oceano sem a carga. A perda do VCR motivou-lhe uma praga de marinho antes de contactar o comandante na ponte.

— O cabo do VCR foi cortado como o da batisfera — disse-lhe. — É como se alguém tivesse usado uma tesoura de jardinagem.

— Que loucura! — exclamou o comandante Gannon. Acalmou-se e perguntou: — Devo enviar outro VCR?

— Por enquanto não — respondeu Austin. — Preciso de alguns minutos para pensar nisto.

Fitou a superfície cor de safira do mar. Forçou-se a não pensar nos dois homens presos numa bola de aço novecentos metros abaixo do casco do navio e concentrou-se na recuperação da batisfera como um simples problema de resgate marinho. A sua mente ágil começou a formular um plano de resgate e a enumerar o equipamento necessário para o levar a cabo.

Voltou a contactar o capitão.

— Tenho uma ideia, mas precisarei da sua ajuda.

— Basta dizer, Kurt.

— Obrigado, comandante. Encontramo-nos na oficina.

A oficina do *Beebe*, abaixo do convés principal, era um componente vital do funcionamento do navio. Um navio de pesquisa era, basicamente, uma plataforma que permitia aos cientistas vasculhar as profundezas do oceano com instrumentos ou recorrendo a veículos submarinos. A embarcação era constantemente assolada por poderosas forças oceânicas. A

oficina mantinha-a operacional com uma equipa de apenas três elementos, incluindo o mecânico-chefe, e uma profusão de ferramentas para cortar, moer, dobrar, moldar, fundir e pressionar.

Até ali, Austin mantivera a oficina ocupada com as necessidades especiais do lançamento da batisfera. Como gestor de projeto, desenvolvera uma relação profissional próxima com o mecânico-chefe, um ogre encorpado chamado Hank, que gostava de encerrar tarefas com as palavras: «É bom que chegue para trabalho pago pelo governo.»

Hank teria ouvido contar o que acontecera à B3 porque saudou Austin com uma expressão severa.

— Que posso fazer para ajudar, Kurt?

Austin desdobrou um diagrama da B3 e alisou-o sobre uma mesa. Apontou uma peça metálica com forma de ferradura que unia o cabo ao topo da esfera.

— Preciso de prender a batisfera por aqui. — Traçou um gancho preso à extremidade de um cabo e mostrou-o a Hank. — Consegues montar isto em menos de uma hora?

— Quarenta e cinco minutos no máximo — respondeu Hank. — Soldo o cabo a um gancho. Mas serei sincero. Não conseguirei dar-te algo que resista ao esforço dos novecentos metros até à superfície.

— Só me interessam os primeiros seis metros — replicou Austin. — Assim que a batisfera se libertar da lama, conseguirá ativar os flutuadores.

— Prender o gancho será difícil a esta profundidade — considerou Gannon. — O espaço entre a cavilha e o topo da B3 é de apenas alguns centímetros. — Ergueu o polegar e o indicador. — Será como tentar prender algo deste tamanho a partir de um helicóptero pairando oitocentos metros acima. Na minha opinião, seria quase impossível.

— Discordo — disse Austin. — Seria absolutamente impossível. É por isso que o farei a partir da superfície.

— Como...? — Uma expressão pensativa alterou a face do comandante. — O *Bubbles*?

— Porque não? Foi testado até aos mil e quinhentos metros.

— Mas...

— Falemos na cabina de controlo — propôs Austin.

A cabina de controlo de mergulhos atmosféricos em forma de caixa com seis metros de comprimento situava-se ao lado do hangar do navio, onde os veículos submarinos e outro equipamento de mergulho eram armazenados. A cabina tinha uma consola separada dos comandos dos submersíveis e uma oficina que alojava *Bubbles*.

Austin e Gannon ergueram-se diante de uma figura antropomórfica metálica com membros grossos que se assemelhava ao boneco da *Michelin*.

A cúpula transparente que coroava a figura poderia ter sido retirada a uma máquina de venda de pastilhas elásticas.

O nome técnico de *Bubbles* era fato de mergulho atmosférico ou FMA, mas considerava-se um submersível antropomórfico. Um mergulhador usando o FMA conseguiria atingir profundidades maiores sem rekaar a pressão assassina ou a necessidade de descompressão. O sistema de suporte de vida pesado nas costas do corpo de alumínio, no seu casco, conseguiria suste um piloto entre seis e oito horas ou durante mais tempo ainda numa emergência.

Bubbles era um FMA experimental pertencente à marinha dos Estados Unidos. Sucedera ao *Hardsuit 2000*, que fora desenvolvido para resgates marinhos. O navio de pesquisa transportava *Bubbles* por cortesia, devendo encontrar-se com um navio da marinha ao largo da Bermuda após o mergulho da B3.

Gannon ergueu-se com as mãos nas ancas, abanando vigorosamente a cabeça.

— Não posso autorizá-lo a fazer isto, Kurt — disse o comandante. — O *Bubbles* é um protótipo. Ainda não foi testado em mar-alto. Pelo que sei, o limite de profundidade comprovado é de apenas setecentos e sessenta metros.

— Joe dir-lhe-ia que qualquer engenheiro digno do nome constrói com uma enorme margem de segurança — disse Austin. — O *Hardsuit 2000* passou os novecentos metros nos mergulhos de teste.

— Eram mergulhos de teste e não mergulhos operacionais. E isso é um facto.

Austin fixou no comandante os seus olhos azuis como corais.

— Também é um facto que Joe e Kane morrerão gelados ou asfixiados se não fizermos nada para o evitar.

— Maldição, Kurt! Sei isso muito bem! Apenas não quero mais mortes evitáveis.

Austin percebeu que reagira com dureza exagerada e acalmou-se.

— Eu também não — disse. — Eis a minha proposta: prepare o *Bubbles* para um mergulho. Peço a opinião da marinha sobre os seus limites e aceito o que me disserem.

Gannon aprendera muito tempo antes que Austin era uma força primordial, imparável como um vento lesto.

— Que se lixe — disse o comandante com um sorriso torto. — Mandarei preparar o *Bubbles*.

Austin ergueu-lhe um polegar e dirigiu-se à ponte de comando. Um telefone-satélite pô-lo em contacto com a Unidade de Mergulho da Marinha na Califórnia. Ouviu com impaciência crescente uma lista gravada de ligações e falou com várias pessoas antes de passarem a chamada a um

oficial do Destacamento de Sistemas de Suporte de Mergulho. Não perdeu tempo a explicar o seu problema.

Ouviu o oficial assobiar baixo.

— Tem a minha compreensão, senhor, mas não posso autorizar a utilização do fato. A ordem terá de vir de instâncias superiores. Vou passar a chamada.

— Eu lido com as hierarquias — disse Austin com irritação contida a custo. — Só queria saber se o novo modelo conseguirá mergulhar novecentos metros.

— Era isso que se pretendia determinar com os testes — respondeu o oficial. — As juntas foram sempre o ponto fraco do FMA. Com a nova conceção, torna-se possível aumentar a profundidade do mergulho talvez até aos mil e quinhentos metros em teoria. Mas, se houver uma falha ínfima, o resultado poderá ser catastrófico.

Austin agradeceu ao oficial e disse que pediria autorização aos seus superiores, apesar de não ter dito quando o faria. Esperou estar incontactável quando a burocracia naval reagisse.

Enquanto Austin discutia o FMA com o oficial, um pensamento perturbador zumbia-lhe dentro da cabeça como um mosquito faminto. Regressando ao centro de controlo do VCR, encontrou a jovem que o comandara ainda no seu lugar. Pediu-lhe que passasse os últimos sessenta minutos do vídeo transmitido. A operadora clicou o rato e o fundo marinho novecentos metros abaixo do navio surgiu no ecrã. Austin voltou a ver o VCR pairar como uma ave sobre a vegetação ondulante que cobria o fundo. A câmara não tardou a captar o resultado do impacto da B3, seguindo-se a cúpula da batisfera no centro da cratera.

— Para a imagem aí — pediu. Apontou uma área escura no canto superior esquerdo do ecrã. — Continua em câmara lenta.

A sombra moveu-se no ecrã.

A operadora do VCR fitou o ecrã, estendendo o lábio inferior.

— Não me lembro de ver aquilo.

— Era fácil de falhar — considerou Austin. — Concentrávamo-nos todos na batisfera.

A operadora recostou-se e cruzou os braços, olhando para a forma oblonga visível à justa no limite do foco de luz.

— Pode ser um peixe ou uma baleia — disse — mas há algo que não bate certo.

Austin pediu-lhe que ampliasse a imagem. A definição perdeu-se com a ampliação, mas, mesmo assim, conseguiu perceber na sombra uma vaga forma de manta. Pediu-lhe que imprimisse a imagem e reproduzisse a última transmissão da batisfera.

A operadora imprimiu o que viam no ecrã e reduziu a imagem da sombra ao canto superior direito do ecrã, que passara a mostrar uma imagem de Kane. Fazia uma descrição entusiástica dos peixes luminosos que nadavam em redor da batisfera quando, subitamente, parou e pressionou a cara contra a vigia.

«O que foi aquilo?», perguntou Kane.

«Viu uma sereia, Doc?»

Kane outra vez.

«Não sei ao certo o que vi, mas era grande!»

Austin pegou na imagem impressa e dirigiu-se para a popa. As grandes portas duplas do hangar estavam abertas e o FMA fora empurrado para baixo do guindaste que o elevaria do convés.

Mostrou a Gannon a impressão do VCR.

— Este objeto rondava a B3 quando os dois cabos foram cortados — explicou.

O comandante abanou a cabeça.

— O que é isto?

— Boa pergunta — replicou Austin. Olhou para o relógio. — Tudo o que sei é que a B3 não tardará a ficar sem energia e sem ar.

— Estaremos prontos dentro de minutos — assegurou o comandante. — Contactou a marinha?

— Um engenheiro da marinha disse-me que, teoricamente, o *Bubbles* conseguirá mergulhar até aos mil e quinhentos metros.

— Uau! — exclamou o comandante. — Conseguiu autorização para usar o FMA?

— Trato disso mais tarde — disse Austin com um sorriso breve.

— Porque me dei ao trabalho de perguntar? — disse o comandante. — Espero que perceba que me torna cúmplice de uma utilização não autorizada de material que pertence à marinha.

— Veja as coisas pelo lado positivo. Podemos ser companheiros de cela numa prisão federal de luxo. Qual é a situação?

Gannon virou a cabeça para o mecânico-chefe, que se mantinha por perto.

— O Hank e a sua equipa fizeram um trabalho notável — considerou o comandante.

Austin inspecionou o trabalho da oficina e aplicou uma palmada nas costas de Hank.

— É bom que chegue para trabalho pago pelo governo — disse-lhe.

O cabo cortado da batisfera fora passado por um gancho e atado com um nó de marinheiro clássico reforçado com várias dúzias de voltas de arame de aço. Austin agradeceu à equipa o seu bom trabalho e pediu-lhes que prendessem o gancho ao suporte do FMA.

Enquanto faziam o que pedia, correu até à sua cabina e trocou os calções e a camisola de manga curta por roupa interior térmica, uma camisola de lã e meias do mesmo material. Enfiou-se dentro de um fato-macaco da tripulação e cobriu o cabelo com um gorro. Apesar de o FMA ter um sistema de aquecimento, a temperatura no interior poderia passar abaixo dos vinte graus negativos em profundidade.

Voltando ao convés, explicou rapidamente o plano de resgate. Depois de implorar silenciosamente aos deuses da sorte que aprovassem a ideia, subiu um escadote e introduziu o corpo musculado na metade inferior do fato, que se separava da parte superior pela cintura. Quando a parte superior foi colocada, testou a energia, as comunicações e o abastecimento de ar. A seguir, deu a ordem para o lançamento.

O FMA foi erguido do convés juntamente com o suporte e descido até à água. Austin pediu uma pausa aos dez metros para voltar a testar os sistemas. Apesar de ver que tudo funcionava na perfeição, não esquecia que o recorde de seiscentos metros conseguido pela marinha exigira anos de planeamento e o trabalho de várias equipas de especialistas. Não tinha comparação com a corrida desvairada até ao fundo que se preparava para iniciar.

O relógio digital no capacete indicava-lhe que a batisfera tinha menos de uma hora de ar.

Ergueu a tenaz de um dos braços e separou o gancho do suporte. Depois de se certificar de que o segurava com firmeza, deu a ordem para ser libertado até ao fundo do mar.

Os cabos do fato e do gancho foram sendo descidos em alternância, acompanhando Austin. A descida rápida fez erguer bolhas que lhe obscureciam a vista das imediações. Enquanto os minutos passavam no relógio digital, manteve-se atento ao medidor de profundidade.

Depois de passar os seiscentos metros, percebeu que o FMA entrara em terreno virgem, mas estava demasiado ocupado a pensar noutras coisas para ponderar a possibilidade de ter sido forçado além dos seus limites. Aos oitocentos metros e continuando sem problemas perceptíveis, sentiu uma mudança na velocidade da descida.

Ouviu a voz de Gannon pelo intercomunicador.

— Abrandamos para que não abra um buraco no fundo, Kurt.

— Agradeço. Parem quando chegar aos novecentos metros.

O cabo abrandou até parar.

A cortina de bolhas dispersou em redor da cúpula que lhe envolvia a cabeça. Austin ligou as luzes que teriam sido inúteis durante a descida. Os feixes amarelados pálidos acentuaram um negrume tão desprovido de cor que qualquer tentativa para o descrever estaria condenada ao fracasso.

Todos os sistemas estavam funcionais e as juntas mantinham-se estanques. Austin pediu mais folga de cabo. O guindaste baixou-o lentamente até ficar quinze metros acima do fundo.

— Está por sua conta agora — disse o comandante. — Libertaremos mais cabo enquanto se movimentar.

Via grupos dispersos de pontos fosforescentes além do limite dos projetores e peixes luminosos de aspeto estranho aproximaram-se da cúpula diante da sua face.

Baixou o pé esquerdo e dois propulsores verticais ativaram-se, erguendo-o cerca de um metro. A seguir, usou o pé direito para ativar os propulsores horizontais, fazendo-o avançar vários metros.

Tentou mover os braços e as pernas e descobriu que, mesmo com a tremenda pressão, as dezasseis juntas bem oleadas do fato permitiam uma amplitude de movimentos notável.

Ativou a ampliação da câmara do fato e focou um diabo-marinho atraído pela luz.

— As imagens estão a chegar — informou o comandante. — Boa definição.

— Verei se consigo encontrar alguma coisa para o álbum de família. Avanço.

Manipulando habilmente os controlos dos propulsores, Austin pilotou o FMA na horizontal, inclinando-se ligeiramente para a frente, com o cabo arrastado atrás.

O fato de trezentos quilos movia-se com agilidade pela água como se voasse. Austin olhou para um pequeno ecrã de sonar, reluzindo com um brilho dourado. Com uma amplitude de quinze metros para cada lado, varria uma área com trinta metros de diâmetro. Assinalava a sua posição, rumo, velocidade e profundidade enquanto analisava o fundo.

Um objeto escuro surgiu no ecrã, a aproximadamente sete metros à sua direita e a maior profundidade.

Manobrou o FMA numa curva apertada e desceu até os projetores focarem a superfície de plástico e metal do VCR. Estava tombado com a parte superior sobre o fundo, parecendo um escaravelho morto.

Gannon também o viu.

— Obrigado por encontrar o nosso VCR — ouviu-o dizer pelo intercomunicador.

— O prazer foi meu! — replicou Austin. — A B3 não estará longe!

Aumentou o alcance da pesquisa para os trinta metros e girou lentamente. O sonar captou outro objeto próximo. Acelerando de forma demasiado brusca, passou pela batisfera e teve de se voltar na direção oposta.

Pairava uns seis metros sobre a B3. A temperatura dentro do fato bai-

xara, mas, mesmo assim, tinha a testa coberta de suor. Apercebeu-se da dificuldade da tarefa naquele ambiente hostil e soube que a pressa poderia motivar erros fatais. Inspirou fundo, pressionou o pedal de controlo vertical e iniciou a descida para a batisfera presa na lama.

10.

A B₃ TRANSFORMAVA-SE RAPIDAMENTE NUM CONGELADOR COM FORMA de globo enquanto o sistema de aquecimento operado pelas baterias travava uma batalha inglória contra o frio do fundo oceânico. Joe Zavala e Max Kane tinham-se enrolado em cobertores como índios navajo, sentando-se de costas unidas para conservar o calor. Os seus lábios dormentes tornaram-se inúteis para a fala e os pulmões esforçavam-se para extrair uma quantidade cada vez menor de oxigénio do ar rarefeito.

Zavala receava o momento em que a energia se esgotasse por completo. Não queria morrer às escuras. A batisfera tinha um tanque de ar auxiliar, mas questionou-se se valeria a pena prolongar o sofrimento. Ao mesmo tempo, lutava teimosamente contra o impulso para desistir e encheu a cabeça com visões das montanhas em redor de Santa Fé. Fechando os olhos, imaginou que descansava depois de uma caminhada no inverno, não estando preso numa bola de aço oca no fundo do mar frio.

Clunk!

Algo batera na carapaça metálica. Zavala pressionou a cabeça contra a parede, ignorando o frio que penetrava o aço. Conseguia ouvir um raspar vago, seguindo-se outro estrondo e mais alguns em seguida.

Percebeu que era a letra K em código morse.

A seguir, depois de uma pausa agonizante, ouviu: A.

Kurt Austin.

Kane sentara-se com a cabeça baixa, abraçando os joelhos. Erguendo o queixo do peito, olhou para Zavala com olhos remelosos e desfocados.

— *Q'foi?* — perguntou, com as palavras entarmeladas pelo frio e pela falta de oxigénio.

Os lábios gretados de Zavala moldaram uma espécie de sorriso.

— A cavalaria chegou.

Austin agachava-se sobre a batisfera como uma aranha, usando a tenaz do braço para formar letras. O tamanho e o formato de um fato de mergulho de grande profundidade tornavam-no suscetível a correntes e a corrente ameaçava derrubá-lo do poleiro. Prendeu o cabo no topo da batisfera, fechou uma tenaz sobre ele para não flutuar para longe e manobrou os propulsores para ficarem sobre a lama que rodeava a B3.

Afrouxou a pressão sobre um pedal e foi imediatamente envolvido por uma nuvem cegante de lama revolta que demorou um momento a assentar novamente. Desligou os projetores do FMA. O brilho vago que se via pelas vigias antes tapadas da B3 indicavam que os sistemas se mantinham operacionais. Austin ligou e desligou as luzes do fato para captar a atenção de Zavala.

Zavala viu o sinal e a sua mente libertou-se parcialmente do torpor induzido pelo frio.

Kane também vira as luzes.

— Que devemos fazer?

Zavala ansiava pela oportunidade para fazer alguma coisa, qualquer coisa que os retirasse daquela situação, mas sabia que teriam de ser pacientes.

— Esperamos — disse.

Austin abriu a tenaz que segurava o cabo e começou a transmitir uma nova mensagem, golpeando o exterior da batisfera. Conseguiu apenas algumas letras antes que a corrente afastasse o fato vários metros do globo. Recuperando o controlo, regressou para formar mais letras.

A câmara do FMA transmitia os seus esforços ao navio de superfície.

— Que se passa aí em baixo? — perguntou a voz de Gannon. — A imagem ficou escura e agora voltou e está desfocada.

— Aguardem contacto — disse Austin, continuando a transmitir a mensagem.

— Aguardamos contacto — replicou o comandante.

Os esforços de Austin esgotaram-no. O suor entrava-lhe nos olhos e ofegava como um linguado em seco.

— Icem! — gritou, num último esforço, para o microfone do fato.

Zavala mantivera-se atento à mensagem cuidadosamente batida no exterior da B3. Captara as primeiras letras. Após uma pausa, captou o resto.

Flutuar.

«Bolas, Kurt. Se conseguisse flutuar, flutuava.»

A batisfera continuava presa na lama e Zavala oscilou entre a raiva e o desespero. Talvez fosse tudo um sonho provocado pela falta de oxigénio. Talvez imaginasse tudo aquilo e o resgate existisse apenas na sua mente.

Um zumbido puxou-o de volta à realidade.

Uma luz vermelha acendeu-se no painel de controlo. Percebeu que a luz piscava há algum tempo, mas a sua mente entorpecida não percebera até então que era o aviso de que o ar estava prestes a esgotar-se.

Levou a mão ao tanque adicional e rodou a válvula enquanto ainda o desprendia da parede.

O ar silvou pela cabina e varreu a névoa que lhe envolvia o cérebro. Ergueu a cobertura do interruptor manual dos flutuadores e esperou que acontecesse alguma coisa.

Austin pairava sobre o fundo do oceano enquanto os projetores do fato iluminavam o topo da B3. O cabo foi esticado quando, novecentos metros sobre a sua cabeça, o guindaste foi ativado. Mas a batisfera não se mexeu. Passaram-lhe possibilidades terríveis pela cabeça. O gancho partir-se-ia imediatamente e a esfera permaneceria presa na sucção criada pela lama. Zavala não conseguiria ativar os flutuadores ou o sistema não responderia quando o fizesse. O pior cenário era a inconsciência dos dois homens.

— O cabo está esticado ao máximo — informou Gannon. — Acontece alguma coisa desse lado?

Austin viu a junção do cabo ser forçada.

— Continuem a puxar — disse.

Cerrou os dentes como se conseguisse erguer a B3 com a força de vontade. A batisfera permaneceu onde estava. O cabo foi forçado um pouco mais.

— Mexe-te, bolas! — gritou.

Lama desprendeu-se da superfície metálica. A seguir, a esfera ficou livre, erguendo-se sobre a lama como uma rolha saltando de uma garrafa e endireitando-se. Uma densa nuvem de lama ocultou-a por um instante antes de se erguer, iluminada pelos projetores do FMA.

O grito triunfal de Austin ecoou pelos altifalantes do navio.

A B3 estava agora três metros acima do fundo, com lama soltando-se. Seis metros e os flutuadores continuavam a não dar sinal. Que esperava Joe? Talvez as portinholas dos flutuadores estivessem bloqueadas com lama.

Austin manteve-se calmo, erguendo-se em simultâneo com a batisfera, mantendo os olhos fixos no gancho e no cabo.

Quando a junção do cabo cedeu finalmente, as portinholas nos lados da esfera abriram-se subitamente, permitindo o enchimento de seis sacos de ar. A batisfera balouçou para um lado e para o outro, estabilizou e começou a subir.

Austin acompanhou-a com o olhar até desaparecer de vista.

— Vão a caminho — avisou Gannon.

— Você será o próximo — replicou o comandante. — Como está?

— Estarei muito melhor aí em cima.

Austin nivelou os propulsores para ficar numa posição mais ou menos vertical e estava pronto quando o fato foi puxado pelo cabo. Enquanto iniciava a sua longa ascensão, desligou os projetores e percebeu que não estava sozinho.

O negrume era salpicado por dúzias de constelações. Estava rodeado por criaturas marinhas luminescentes que pairavam como estrelas. Ocasionalmente, via algo a mover-se como as luzes de um avião no céu noturno. E foi então que os seus olhos captaram movimento algures à esquerda. A constelação que aí pairava no limite da sua visão periférica pareceu aumentar de tamanho. Voltando a cabeça, viu o que parecia ser um trio de olhos brilhantes cor de âmbar a aproximar-se.

Soou-lhe um alarme mental. Concentrara-se no resgate e esquecera a sombra sinistra que pairara por perto quando os cabos da B3 e do VCR tinham sido cortados.

Os projetores do FMA foram refletidos pela superfície lisa e escura de algo com forma de lágrima. Era um submersível de algum tipo, provavelmente um veículo submarino automatizado, um VSA, pois não via qualquer cabo. Os olhos brilhantes à frente seriam sensores, mas Austin interessou-se mais pelas mandíbulas afiadas de metal que se estendiam na sua direção.

O veículo movia-se com velocidade, mantendo-se a um nível em que as mandíbulas se cruzariam com o cabo que o puxava para a superfície. Pressionou o pedal de propulsão vertical. Houve um segundo de demora até os propulsores conseguirem superar a inércia do fato e, a seguir, subiu vários metros, fazendo o seu atacante passar-lhe por baixo, com as mandíbulas mordendo a água vazia.

O veículo descreveu uma curva, ergueu-se e preparou novo ataque.

Gannon observava o encontro pelo ecrã no navio.

— Que raio era aquilo? — gritou o comandante.

— Alguma coisa que me quer para o jantar! — berrou Austin. — Puxem mais depressa!

O ágil VSA ajustou com rapidez a sua estratégia e velocidade. Aproximando-se para o segundo ataque, abrandou, acercando-se da presa com a

cautela de um predador cuja presa demonstrasse um comportamento inesperado.

Austin esperou até a coisa ficar a poucos metros de distância e pressionou o pedal. O fato ergueu-se alguns metros, mas não os suficientes para escapar. Ergueu os braços para se defender, mantendo-os unidos e direitos. Embateu contra as mandíbulas abertas do VSA, mas conseguiu que uma das tenazes se cravasse no olho central do veículo.

A cabeça de Austin chocou contra a cúpula de acrílico. O impacto projetou-o para o lado e balouçou na extremidade do cabo como um pêndulo. A dor alastrou-lhe do pulso a todo o braço esquerdo.

O VSA descreveu nova curva, mas movia-se com lentidão e agitava-se lateralmente de forma errática, como um cão farejando a presa. Em vez de seguir na direção de Austin, simulou um ataque frontal e subiu no último momento para o cabo. Ainda atordoado pelo ataque anterior, Austin foi lento a aumentar a velocidade dos propulsores verticais. As pinças do VSA prenderam-lhe o braço pelo cotovelo e apertaram.

Com o braço esquerdo, segurou uma das mandíbulas e desceu, manobrando como um ioiô. A mandíbula fora concebida para movimento horizontal e não vertical e o peso do veículo piorava a situação, dobrando-a até ficar inútil. A seguir, partiu-se pela base. O VSA moveu-se numa linha desgovernada, afastando-se e desaparecendo na escuridão.

— Kurt, está bem? — A voz do comandante soou-lhe nos auscultadores. — Responda-me, pelo amor de Deus!

— Estou ótimo, comandante — conseguiu gemer Austin. — Icem-me.

— Içamos — disse o comandante com alívio na voz. — Que tipo de música prefere para o passeio até ao topo?

— Confio-lhe a escolha — replicou Austin. Estava demasiado cansado para pensar.

Um momento depois, notas de uma valsa de Strauss chegaram-lhe aos ouvidos e iniciou a sua longa viagem até à superfície ao som de *Contos dos Bosques de Viena*.

Enquanto era içado para o navio, apercebeu-se vagamente de que ainda segurava a mandíbula do VSA na sua tenaz de metal como se fosse um troféu de caça.